

12527/81.

Neusa Santos Souza

TORNAR-SE NEGRO

ou

AS VICISSITUDES DA IDENTIDADE DO NEGRO BRASILEIRO

EM ASCENSÃO SOCIAL

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psiquiatria. Curso de Pós-Graduação - Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

PROFESSOR ORIENTADOR: José Otávio de Freitas Junior

CO-ORIENTADOR: Gregório Franklin Barembliitt

RIO DE JANEIRO

1 9 8 1



TORNAR-SE NEGRO
ou
AS VICISSITUDES DA IDENTIDADE DO NEGRO BRASILEIRO
EM ASCENSÃO SOCIAL

Neusa Santos Souza



TESE SUBMETIDA AO CORPO DOCENTE DO INSTITUTO DE PSIQUIATRIA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO COMO PARTE DOS REQUI-
SITOS NECESSÁRIOS À OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE.

Aprovada por:

Prof. ADOLPHO HOIRISCH
Presidente da Banca

Prof. WALDEREDO ISMAEL DE OLIVEIRA

Prof. WILLIAM ASMAR

Rio de Janeiro, RJ - BRASIL
Junho de 1981

Sub-Reitoria de Ensino para Graduados e Pesquisa				LIVROS	
Serviço de Documentação da SRE					
CLAS.		POR		1 1	
REG.		Data		31/10/81	
12.521		1 181		Psiquiatria	

Aos amigos

Ao pessoal de casa

À Ester.

AGRADECIMENTOS

Aqueles que me contaram suas histórias-de-vida, num gesto de confiança e generosidade.

A quem caminhou comigo no dia-a-dia da construção deste trabalho — o Professor Gregório F. Barenblitt.

Aqueles que, além da amizade, deram-me contribuições decisivas na elaboração deste trabalho. São muitos, especialmente: Astrogildo B. Esteves Filho, Anamaria T. Tambellini, Célia Leitão, Cláudia Massadar, Isidoro Eduardo Americano do Brasil, João Ferreira Filho, Joel Birman, José Carlos de Souza Lima, Jurandir Freire Costa, Luiz Eduardo B.M. Soares, Madel T. Luz, Marco Aurélio Luz, Patrícia Birman, Roberto Machado, Rogério Luz e Sherrine M. Njaine Borges.

A Maria Clara Schiefler da Cunha Forster, pela datilografia.

SUMÁRIO

Trata-se de um trabalho que articula a Teoria das Ideologias com a Psicanálise para dar conta das vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.

Partindo da hipótese de que, no Brasil, o negro, para ascender socialmente, vê-se obrigado a negar-se enquanto tal e modelar-se à imagem do branco, a autora realiza um estudo qualitativo — estudo de caso — fundado na história-de-vida de dez negros brasileiros em ascensão social.

Nesta perspectiva, considera-se o papel da História multissecular da escravidão e exploração sob diferentes nuances, analisa-se o mito negro como discurso ideológico e examina-se conceitos psicanalíticos fundamentais — Narcisismo e Ideal do Ego — na construção da identidade negra. Estuda-se ainda o conflito entre Superego, Ego Atual e Ideal do Ego e suas consequências — a Psicopatologia do negro brasileiro em ascensão social.

Conclui-se que o negro não possui uma identidade negra a qual possa negar ou afirmar, a não ser que a construa politicamente, contestando os modelos primeiros advindos das figuras parentais ou substitutos que, por razões históricas, tentam caricaturá-lo, configurando-o ao modelo branco.

SUMMARY

This paper intends to link the Theory of Ideology and Psychoanalysis in order to assess the vicissitudes of the identity of the Brazilian Negro who ascends socially.

Having as a starting point the fact that in Brazil, in order to ascend socially, the Negro is forced to deny himself as such and take the image of the White as a model, the Author made a qualitative study — a case study — based upon the life history of ten Brazilian Negroes who are in a process of social ascension.

From this point of view the role of the long lasting history of slavery and exploitation in its different aspects and the myth of the Negro as an ideological discourse are assessed. Likewise, the importance of primary psychoanalytic concepts — Narcissism and Ego Ideal — to the building-up of the Negro identity and the conflict among Super-Ego, Actual Ego and Ego Ideal, as well as their consequences — the psychopathology of the socially ascending Brazilian Negro are studied.

The work concludes that the Negro has not a Negro identity to deny nor confirm, unless he or she is able to build it up politically by opposing him or herself to the primary models which arise from the parental figures or their substitutes who, for historical reasons try to caricature him or her by a moulding to the White model.

Í N D I C E

Folha de rosto	i
Dedicatória	ii
Agradecimentos	iii
Sumário	iv
Summary	v
Índice	vi
 CAPÍTULO I - Introdução	 1
CAPÍTULO II - Metodologia	4
CAPÍTULO III - Antecedentes Históricos da Ascensão Social do Negro Brasileiro - A Construção da Emo- cionalidade	14
CAPÍTULO IV - O Mito Negro	22
CAPÍTULO V - Narcisismo e Ideal do Ego	31
CAPÍTULO VI - A História de Luísa	45
CAPÍTULO VII - Temas Privilegiados	67
1. REPRESENTAÇÃO DE SI	68
1.1 - Definições	68
1.2 - Fantasias e Estereótipos Sexuais	69
1.3 - Representação do Corpo	70
1.4 - O Mulato: Ser e não Ser Negro	71
2. DAS ESTRATÉGIAS DE ASCENSÃO	72
2.1 - Ser o Melhor	72
2.2 - Aceitar a Mistificação	73
2.2.1 - Perder a Cor	73
2.2.2 - Negar as Tradições Negras	74
2.2.3 - Não Falar no Assunto	74
3. DO PREÇO DA ASCENSÃO: A CONTÍNUA PROVA	75
CAPÍTULO VIII - Conclusão	76
BIBLIOGRAFIA	78

CAPÍTULO I

Introdução

Uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo. Discurso que se faz tanto mais significativo quanto mais fundamentado no conhecimento concreto da realidade.

Esta dissertação representa meu anseio e tentativa de elaborar um gênero de conhecimento que viabilize a construção de um discurso do negro sobre o negro, no que tange à sua emocionalidade.

Ela é um olhar que se volta em direção à experiência de ser-se negro numa sociedade branca. De classe e ideologia dominantes brancas. De estética e comportamentos brancos. De exigências e expectativas brancas. Este olhar se detém, particularmente, sobre a experiência emocional do negro que, vivendo nessa sociedade, responde positivamente ao apelo da ascensão social, o que implica na decisiva conquista de valores, status e prerrogativas brancos.

Esta dissertação pretende estudar os passos dessa trajetória, seus pressupostos e desdobramentos.

A justificativa histórica deste trabalho se fundamenta na constatação inequívoca da precariedade, no Brasil, de estudos sobre a vida emocional dos negros e da absoluta ausência de um discurso, a esse nível, elaborado pelo negro, acerca de si mesmo.

A outra justificativa, presença insólita ou gran

de ausente dos trabalhos acadêmicos, é de caráter emocional. A descoberta de ser negra é mais que a constatação do óbvio. (Aliás, o óbvio é aquela categoria que só aparece enquanto tal, depois do trabalho de se descortinar muitos véus) (1). Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades.

Aqui esta experiência é a matéria prima. É ela quem transforma o que poderia ser um mero exercício acadêmico, exigido como mais um requisito da ascensão social, num anseio apaixonado de produção de conhecimento. É ela que, articulada com experiências vividas por outros negros e negras, transmutar-se-á num saber que — racional e emocionalmente — reivindico como indispensável para negros e brancos, num processo real de libertação.

O negro que se empenha na conquista da ascensão social paga o preço do massacre mais ou menos dramático de sua identidade. Afastado de seus valores originais, representados fundamentalmente por sua herança religiosa, o negro tomou o branco como modelo de identificação, como única possibilidade de "tornar-se gente". (2)

(1) - RIBEIRO, D. Sobre o óbvio, em Encontros com a Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978, nº 1.

(2) - FERNANDES, F. A Integração do Negro na Sociedade de Classes. São Paulo, Ática, 1978.

Esta dissertação trata desse contingente de negros, no que diz respeito ao custo emocional da sujeição, negação e massacre de sua identidade original, de sua identidade histórico-existencial.

CAPÍTULO II

Metodologia

O universo da pesquisa limita-se ao Estado do Rio de Janeiro. O eixo Rio-São Paulo representou e representa o pólo mais avançado do capitalismo industrial no Brasil. Foi aí que o negro, ex-escravo, teimando em permanecer na cidade, resistindo heroicamente a ser banido para o campo, ingressou no processo de urbanização e industrialização, vivendo suas injunções e consequências. (1)

Através das ideologias de mobilidade social ascendente e democracia racial, a vida da metrópole, regida pelo sistema competitivo que começa a se organizar, cria um conjunto de necessidades, aspirações e insatisfações que incentivam o negro a lutar, junto com outros setores da sociedade, pela conquista da ascensão social. (2)

Eminentemente urbana, a questão da ascensão social, optamos pelo Rio de Janeiro como unidade significativa para este estudo. A outra razão pela qual esta escolha se fez em relação ao Rio é de ordem pragmática: minha vida se desenvolve, no momento, no Rio de Janeiro e sofre injunções que me impossibilitam, material e concretamente, o deslocamento sistemático para outras metrópoles onde poderia encontrar nuan-

(1) -- FERNANDES, F. A Integração do Negro na Sociedade de Classes. São Paulo, Ática, 1978.

(2) - FERNANDES, F. Idem.

ces diversas do mesmo problema investigado.

A ascensão social do negro brasileiro, no que tange aos conflitos emocionais daí decorrentes, será analisado aqui, utilizando-se o método do estudo de caso e a técnica de história-de-vida.

O estudo de caso é um método qualitativo de análise onde qualquer unidade social é tomada como representativa da totalidade. "É um meio de organizar os dados sociais preservando o caráter unitário do objeto social estudado". (3)

Neste trabalho, a unidade está representada por dez histórias-de-vida de negros que compartilham o fato de estarem vivendo um processo de ascensão social numa sociedade multirracial, racista e de hegemonia branca que, paradoxalmente, veicula a ideologia de democracia racial, em contradição com a existência de práticas discricionárias racistas.

O critério de escolha dos entrevistados deu-se com base nestas características: serem negros, viverem no Brasil e estarem em ascensão social — e na disponibilidade para me contarem suas vidas. Quanto à ascensão, não importava o nível atingido nem a origem de classe destas pessoas. O que se levava em conta era a existência da mobilidade social ascendente.

O estudo de caso coloca o problema da representatividade do todo a ser cumprido pela unidade. Tal questão

(3) - COOD, W.J., HATT, P.K. Métodos em Pesquisa Social. São Paulo, Nacional, 1979, pg. 422.

se resolve se apreender-se o sentido de totalidade. "A totalidade de qualquer objeto — quer físico, biológico ou social — é uma construção intelectual. Concretamente não existem limites que definem qualquer processo ou objeto" (4). Assim posto, evidencia-se a impossibilidade de traçar limites do qualquer objeto social ou de afirmar-se em que ponto concluir a coleta de dados sobre o objeto delimitado. Na prática, este limite é dado pela compreensão do pesquisador face ao objeto de sua pesquisa.

Deste modo, poderíamos ter estudado uma só ou n histórias-de-vida. Estudamos dez. Dez não é um número cabalístico — aqui, pelo menos. Ele indica que ao fim da construção e análise de dez histórias atingi o nível desejado de compreensão do meu objeto de pesquisa. Nível de compreensão este que, obviamente, não me permite conclusões a serem generalizadas mas me possibilita a elaboração de hipóteses que poderão vir a ser testadas por outros pesquisadores ou por mim mesma, num outro momento.

A história-de-vida é aqui utilizada como técnica de organização do material. Esta técnica tem uma tradição nas ciências sociais, particularmente na Antropologia. Mais recentemente, a Psiquiatria e a Psicanálise têm-se utilizado das autobiografias para o estudo aprofundado do seu objeto. Para citar apenas um exemplo, investido da maior relevância e significação, lembramos que Freud elaborou a teoria da para-

(4) -- GOOD, W.J., HATT, P.K. Idem.

nóia com base no relato autobiográfico do Dr. Daniel Paul Schreber — o famoso caso Schreber (5).

As histórias-de-vida foram colhidas em sucessivas entrevistas, cujo número variava de um a cinco para cada entrevistado. Esta variação corria por conta das necessidades da pesquisa e das características individuais das pessoas que se dispuseram a contar-me suas vidas.

Algumas pessoas, num período de mais ou menos uma hora, já se sentiam fatigadas, dando mostras do esforço empreendido nesse trabalho tão mobilizador de afetos que é o de abrir-se a um outro naquilo que diz respeito à sua intimidade, conflitos, emoções, vida. Outras, no afã de "lembrar tudo", ofereciam-se numa profusão de detalhes e circunstâncias que nos levava a realizar sucessivos encontros, na tentativa de cobrir o percurso de suas vidas até o momento atual. O ritmo básico de cada um foi respeitado.

Na quase totalidade das vezes, entrei em contato com as pessoas por telefone. Elas me eram indicadas por amigos e colegas comuns que sabiam da existência da pesquisa.

A partir do contato por telefone criou-se, em quase todos os entrevistados, uma expectativa: a de que eu fosse branca. Alguns disseram-me isto com palavras. Outros, com atitudes. A idéia que perpassava e fundava tal expectati

(5) - FREUD, S. Notas Psicanalíticas sobre um Relato Autobiográfico de um caso de Paranoia (Dementia Paranoides) (1911) Em Edição Standard, Vol. XII, Rio de Janeiro, Imago, 1969.

va era a de que "negro que sobe não fala de negro" ou, em outras palavras: faz parte das estratégias de ascensão aceitar a mistificação constitutiva da ideologia da democracia racial: somos uma democracia racial, não existe problema negro, não há porque falar nisto.

Em geral, depois de um telefonema onde me apresentava, falava em linhas gerais sobre o trabalho e convidava o futuro entrevistado a dar-me uma entrevista, esta se realizava. Houve, entretanto, um caso que, por sua singularidade, merece ser contado.

Através de um amigo comum, fiz contato com uma pessoa — na verdade uma personalidade, por ser um dos raros negros em sua profissão.

Para conseguir o encontro, que não passou de um, precisei dar nada menos do que quinze telefonemas, a maioria deles atendidos por sua secretária.

À entrevista, tão gentil quanto desconfiado, colocou-se como colaborador que deveria ir-se abrindo à medida que eu me fosse provando digna de sua confiança.

Confessou-me — esta foi a expressão usada — que não esperava que eu fosse negra e que quando me viu entrar, pensou com seus botões: "essa moça deve ter alguma coisa na cabeça".

Falou-me uma ou outra coisa de sua vida, dentro dos poucos minutos do seu preciosíssimo tempo. Vez por outra falava do amigo comum, pessoa de mais alta estima e consideração, responsável em última instância por aquele encontro, ab-

solutamente único.

Ao final da entrevista pediu-me para ligar, a fim de combinarmos novo horário. Deixaria a hora com sua secretária. Assin o fiz e, depois de três ou quatro telefonemas infrutíferos, consegui marcar novo encontro. Encontro frustrado. Em lá chegando, nosso nobre entrevistado tinha outro compromisso. Que eu ligasse outro dia para combinarmos de novo — este era o recado deixado (?) com a secretária... Não era preciso. Nada mais eloquente que estas falhas, equívocos, esquecimentos. O Inconsciente fala assim. "Para bom entendedor, meia palavra basta". "Escrova quem quiser, leia quem souber" (ditos populares).

Estando em contato direto com as pessoas, eu falava da pesquisa. Dizia que estava estudando a vida emocional do negro que ascendia no Brasil e, assim, gostaria que elas me contassem suas vidas. O anonimato era garantido. Isso era tudo.

As pessoas eram deixadas livres para contarem sobre suas vidas, do modo que quisessem. A minha interferência fazia-se no momento e no sentido de esclarecer uma ou outra coisa que, num primeiro instante, escapava ao meu entendimento.

As histórias-de-vida foram analisadas com o aparato conceitual fornecido pela Psicanálise e pela Teoria das Ideologias da qual falaremos logo mais. Elas também serviram como material ilustrativo que falava, com a linguagem do entrevistado, aquilo que a teoria vinha de elaborar.

Uma das histórias-de-vida, entretanto, é tomada separadamente, analisada em detalhes, constituindo um dos capítulos desta dissertação. Tal fato se deve à riqueza ilustrativa da história de Luísa, que traz em si o essencial de todas as outras e que conta, ainda, com um refinado nível de elaboração da entrevistada.

O eixo central da análise organiza-se em torno do Complexo de Édipo, entendido e assinalado em sua função universal de instância interditória. "O Complexo de Édipo não é redutível a uma situação real, à influência efetivamente exercida sobre a criança pelo casal parental. Ele retira sua eficácia do fato de fazer intervir uma instância interditória (proibição do incesto) que barra o acesso à satisfação naturalmente procurada e que liga inseparavelmente o desejo à lei" (6). Aqui o Complexo de Édipo é visto em suas relações com o processo de produção ideológica, no que toca a seu agenciamento psíquico — condição de possibilidade e eficácia da ideologia a nível dos sujeitos.

Partimos de uma hipótese: a de que o negro tem dificuldade de conquistar uma identidade egossintônica que o integre ao seu grupo de origem e que o instrumentalize para a conquista da ascensão social. Numa sociedade de classe onde os lugares de poder e tomada de decisão são ocupados por brancos, o negro que pretende ascender lança mão de uma identidade calcada em emblemas brancos, na tentativa de ultrapassar os

(6) - LAPLANCHE, J., PONTALIS, J.B. Vocabulário da Psicanálise. Lisboa, Moraes, 1970, p. 120.

obstáculos advindos do fato de ter nascido negro. Essa identidade é contraditória: ao tempo em que serve de aval para o ingresso nos lugares de prestígio e poder, o coloca em conflito com sua historicidade, dado que se vê obrigado a negar o passado e o presente: o passado, no que concerne à tradição e cultura negras e o presente, no que tange à experiência da discriminação racial.

Com esta hipótese encaminhamo-nos para a elaboração de um aparato teórico-conceitual específico, viabilizado pela articulação da Teoria das Ideologias com a Psicanálise.

A Teoria das Ideologias, teoria regional do Materialismo Histórico, tem como objeto "dar cuenta del proceso que desde la estructura social global, a través de los aparatos ideológicos del estado, y desde las prácticas concretas en que un individuo se inscribe en el proceso de producción, determina un universo de significaciones que hacen impacto en el sujeto, que a su vez las elabora a nivel imaginario com su estructura psíquica, dando como resultado una ideología internalizada". (7)

A ideologia aqui é entendida como um sistema de representações, fortemente carregadas de afetos que se manifestam na subjetividade consciente como vivências, idéias ou imagens e no comportamento objetivo como atitudes, condutas e dis

(7) - HORNSTEIN, B.L. Teoria de las Ideologias y Psicoanálisis. Buenos Aires, Kargieman, 1973, p. 25.

curso. A ideologia é um dispositivo social que serve aos fins de organizar um saber acerca dos mais diversos aspectos da vida humana, caracterizando-se por ser compartilhada pela comunidade como um todo, ou por um setor significativo da mesma, oferecendo coerência a seus integrantes em torno de crenças, fins, meios, valores, etc. A ideologia tem geralmente características muito abrangentes (cosmovisão, por exemplo), forte conteúdo emocional (função de ilusão, realização de desejos conscientes e inconscientes) e recursos de convicção como a apelação à realidade dada pelos sentidos e compartilhada por todos (consensualidade) ou a seu caráter eterno e invariável (conaturalidade) (8).

A ideologia se viabiliza através do sujeito. "Só existe ideologia através do sujeito e para sujeitos" (9). Sobredeterminado pelas outras estruturas do modo de produção e pela estrutura edípica, o sujeito é o suporte dos efeitos ideológicos agenciados por leis inconscientes que organizam o terreno subjetivo da instância ideológica. É aqui, no âmbito ideológico, que a Psicanálise, ciência do Inconsciente, encontra seu lugar de articulação com o Materialismo Histórico. Elucidar o processamento da ideologia a nível subjetivo é tarefa que se outorga à Psicanálise (10).

O Complexo de Édipo, organização libidinal que articula o desejo e a lei, estrutura estruturante da personalidade e condição da reprodução dos sujeitos-suportes, é o

(8) - BAREMBLITT, G.F. Comunicação Pessoal.

(9) - ALTHUSSER, L. Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado. Lisboa. Editorial Presença, p. 91.

(10) - HORNSTEIN, B.L. Idem.

espaço privilegiado onde se entrecruzaria a ciência do Inconsciente e a ciência da História (11).

Aqui, o Complexo de Édipo será o conceito capital que irá possibilitar a compreensão psicanalítica de um problema sobredeterminado pela história de uma formação social específica e pela história da estruturação do sujeito-suporte dos efeitos ideológicos pertinentes a esta formação social.

(11) - HORNSTEIN, B.L. Idem.

CAPÍTULO III

Antecedentes Históricos da Ascensão Social do Negro Brasileiro - A Construção da Emocionalidade

A história da ascensão social do negro brasileiro é, concomitantemente, a história da construção de sua emocionalidade, esta maneira própria, historicamente determinada, de organizar e lidar dinamicamente com o mosaico de afetos. Construção histórica, a emocionalidade do negro é vista aqui como um elemento particular que se subordina ao conjunto mais geral de injunções da História da formação social onde ele se inscreve.

Tendo que livrar-se da concepção tradicionalista que o definia econômica, política e socialmente como inferior e submisso, e não possuindo uma outra concepção positiva de si mesmo, o negro viu-se obrigado a tomar o branco como modelo de identidade, ao estruturar e levar a cabo a estratégia de ascensão social (1).

A sociedade escravista, ao transformar o africa

(1) -- Ascensão Social - movimento pelo qual um agente ou grupo social, realizando uma possibilidade de ascensão social, muda de uma classe social (ou de uma camada de classe) para outra socialmente considerada superior. Aqui, classe social é entendida como sendo a estratificação em termos de posição nos processos sociais de produção, dominação e ideologização, isto é: se tomara em conta não só a posição na instância econômica (compra ou venda da força de trabalho), mas também a relação dos agentes com o poder (lugar no aparelho jurídico-político do Estado) e com os emblemas de classes (valores éticos, estéticos, etc.).

no em escravo, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com o branco e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior (2) (3).

Convém explicitar que raça aqui é entendida como noção ideológica, engendrada como critério social para distribuição de posição na estrutura de classes. Apesar de estar fundamentada em qualidades biológicas, principalmente a cor da pele, raça sempre foi definida no Brasil em termos de atributo compartilhado por um determinado grupo social, tendo em comum uma mesma graduação social, um mesmo contingente de prestígio e mesma bagagem de valores culturais (4) (5).

Na ordem social escravocrata, a representação do negro como socialmente inferior correspondia a uma situação de fato. Entretanto, a desagregação desta ordem econômica e social e sua substituição pela sociedade capitalista tornou tal representação obsoleta. A espoliação social que se mantém para além da Abolição busca, então, novos elementos que lhe permitam justificar-se. E todo um dispositivo de atribuições de qualidades negativas aos negros é elaborado com o objetivo de manter o espaço de participação social do negro nos mesmos li

(2) - IANINI, O. Escravidão e Racismo. São Paulo, Hucitec.

(3) - FERNANDES, F. A Integração do Negro na Sociedade de Classes. São Paulo, Ática, 1978.

(4) - BASTIDE, R. e FERNANDES, F. Branços e Negros em São Paulo. São Paulo, Nacional, 1959.

(5) - IANINI, O. Raças e Classes Sociais no Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972.

mites estreitos da antiga ordem social. "Os brancos isolavam certos aspectos do comportamento dos negros das condições que os produzira passando a encará-los como atributos invariáveis da 'natureza humana' dos negros" (6).

Nas sociedades de classes multirraciais e racistas como o Brasil, a raça exerce funções simbólicas (valorativas e estratificadoras). A categoria racial possibilita a distribuição dos indivíduos em diferentes posições na estrutura de classe, conforme pertençam ou estejam mais próximos dos padrões raciais da classe/raça dominante (7).

A definição inferiorizante do negro perdurou mesmo depois da desagregação da sociedade escravocrata e da sua substituição pela sociedade capitalista, regida por uma ordem social competitiva. Negros e brancos viam-se e entreviam-se através de uma ótica deformada conseqüente à persistência dos padrões tradicionalistas das relações sociais. O negro era paradoxalmente enclausurado na posição de liberto: a ele cabia o papel do disciplinado — dócil, submisso e útil (8) — enquanto o branco agia com o autoritarismo, por vezes paternalista, que era característico da dominação senhorial. Esse lugar de inferioridade se espelhava no modo de inserção da popu

(6) - CARDOSO, F.H. Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977, p.254.

(7) - HASENBALG, C.A. Discriminação e Desigualdade Raciais no Brasil. Rio de Janeiro, Graal, 1979.

(8) - FOUCAULT, M. Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão. Petrópolis, Vozes, 1977.

lação negra no sistema ocupacional das cidades: "Uma parcela aparentemente pequena dessa população está inserida numa teia de ocupações e segundo posições típicas da estrutura ocupacional do sistema de classes. Outra parcela aparentemente considerável permanece presa a ocupações típicas da situação pré-industrial e pré-capitalista" (9).

Lutando, muitas vezes, contra a maré da dominação, o negro foi, aos poucos, conquistando espaços que o integravam à ordem social competitiva e lhe permitiam classificar-se no sistema vigente de classes sociais. A ascensão surgia, assim, como um projeto cuja realização traria consigo a prova insofismável dessa inserção. Significava um empreendimento que, por si só, dignificava aqueles que o realizassem. E mais: retirando-o da marginalidade social, onde sempre estivera aprisionado, a ascensão social se fazia representar, ideologicamente, para o negro, como um instrumento de redenção econômica, social e política, capaz de torná-lo cidadão respeitável, digno de participar da comunidade nacional.

E, como naquela sociedade, o cidadão era o branco, os serviços respeitáveis eram os "serviços-de-branco", ser bem tratado era ser tratado como o branco. Foi com a disposição básica de ser gente que o negro organizou-se para a ascensão, o que equivale dizer: foi com a principal determinação de assemelhar-se ao branco — ainda que tendo que deixar de ser negro — que o negro buscou, via ascensão social, tornar-se gente.

(9) - FERNANDES, F. A Integração do Negro na Sociedade de Classes. São Paulo, Ática, 1979, p. 129.

Incentivos e bloqueios a esse projeto eram engendrados pela estrutura das relações raciais que se comportavam de modo ambíguo — ora impondo barreiras, ora abrindo brechas à ascensão social do negro — mas que, dentro dessa ambivalência, cumpria as mesmas e inequívocas funções de fragmentar a identidade, minar o orgulho e dismantelar a solidariedade do grupo negro (10).

O tripé formado pelo contínuo de cor, ideologia do embranquecimento e democracia racial — sustentáculo da estrutura das relações raciais no Brasil — produziram as condições de possibilidade de ascensão do negro.

Constitutivo do primeiro elemento do tripé — o contínuo de cor — era o fato de que branco e negro representavam apenas os extremos de uma linha ininterrupta onde, às diferentes nuances de cor, se adscreviam significados diversos, segundo o critério de que quanto maior a brancura, maiores as possibilidades de êxito e aceitação.

A inexistência de barreiras de cor e de segregação racial — baluartes da democracia racial — associada à ideologia do embranquecimento, resultava num crescente desestímulo à solidariedade do negro que percebia seu grupo de origem como referência negativa, lugar de onde teria que escapar para realizar, individualmente, as expectativas de mobilidade vertical ascendente. O caráter individualista da ascensão era coerente com as prédicas da democracia racial que colocava ênfase na capacidade individual como responsável pela efetiva-

ção do projeto (11).

Por outro lado, as inúmeras barreiras à conquista da ascensão social encontradas pelo negro, contribuíram para ampliar o fosso que o separava de sua identidade enquanto indivíduo e enquanto grupo.

Herança da sociedade escravocrata, a desigualdade racial, que colocava o negro a reboque das populações nacionais, era preservada e reforçada pelo preconceito de cor que funcionava como mantenedor da hegemonia branca nas relações interraciais.

Um certo modo de reação apática, fruto da introjeção da imagem do negro constituída pelo branco, onde o negro reconhece tacitamente sua inferioridade, e a postura evitativa da confrontação ombro-a-ombro com o branco eram tipos de resposta do negro ao preconceito de cor que se configuravam não só em obstáculos à ascensão, como redundavam em verdadeiros danos à sua imagem, conduzindo-o a avaliações auto-depreciativas (12).

O meio negro se dividia: de um lado ficavam aqueles que se conformavam com a "vida de negro" e do outro os que ousavam romper com o paralelismo negro/miséria. Uns e outros hostilizavam-se reciprocamente. Os primeiros, pelo sentimento de não "subir na vida" e pela convicção de que perderiam o antigo companheiro que, ao ascender, se afastaria do meio negro. Os outros, por um sentimento de retaliação fren-

(11) - HASENBALG, C.A. Idem.

(12) - FERNANDES, F. Idem.

te à hostilidade dos primeiros e pela tendência a assimilar o discurso ideológico da democracia racial que vê o negro que não sobe como um desqualificado, do ponto de vista individual. Assim, o negro que conseguia romper com todas estas barreiras e ascender, tornava-se exceção. E "a condição sine qua non para a 'pessoa de cor' contar como exceção ainda é a identificação ostensiva com os interesses, os valores e os modelos de organização da personalidade do 'branco'. Mesmo o negro e o mulato que não queiram 'passar por branco' precisam corresponder aparentemente a esse requisito, onde e quando aspirem a ser aceitos e a serem tratados de acordo com as prerrogativas de sua posição social" (13).

Enquanto exceção, "confirmava a regra", já que seu êxito não trazia como consequência uma reavaliação das condições de possibilidade do negro enquanto grupo, nem uma mudança de sua posição na ordem social vigente. Como exceção, perdia a cor: "deixa de ser 'preto' ou 'mulato' para muitos efeitos sociais, sendo encarado como 'uma figura importante', ou 'um grande homem'... Vê-se, assim, compelido a desfigurar-se material e moralmente. Tem de submeter-se, previamente, ao 'figurino do branco'. E, se isso não bastasse, precisa conformar-se aos papéis sociais ambíguos do 'cavalheiro por exceção', em todas as circunstâncias sujeito a dar provas ultrac convincentes de sua capacidade de ser, de pensar e de agir como equivalente moral do 'branco'. Em suma, condena-se a negar-se duplamente, como indivíduo e como parte de um estoque ra-

(13) - FERNANDES, F. Iden, p. 266.

cial, para poder afirmar-se socialmente" (14).

A história da ascensão social do negro brasileiro é, assim, a história de sua assimilação aos padrões brancos de relações sociais. É a história da submissão ideológica de um estaque racial em presença de outro que se lhe faz hegemônico. É a história de uma identidade renunciada, em atenção às circunstâncias que estipulam o preço do reconhecimento ao negro com base na intensidade de sua negação.

(14) - FERNANDES, F. Idem. Pp. 267-269.

CAPÍTULO IV

O Mito Negro

Quando a natureza toma o lugar da história, quando a contingência se transforma em eternidade e, por um "milagre econômico", a "simplicidade das essências" suprime a incômoda e necessária compreensão das relações sociais, o mito se instaura, inaugurando um tempo e um espaço feitos de tanta clareza quanto ilusão. Clareza, ilusão e verossimilhança que são frutos de um poder constitutivo do próprio mito: o de dissolver, simbolicamente, as contradições possíveis de existir em seu redor (1).

O mito é uma fala, um discurso — verbal ou visual — uma forma de comunicação sobre qualquer objeto: coisa, comunicação ou pessoa. Mas o mito não é uma fala qualquer. É uma fala que objetiva escanotear o real, produzir o ilusório, negar a história, transformá-la em "natureza". Instrumento formal da ideologia, o mito é um efeito social que pode entender-se como resultante da convergência de determinações econômico-político-ideológicas e psíquicas.

Enquanto produto econômico-político-ideológico, o mito é um conjunto de representações que expressa e oculta uma ordem de produção de bens de dominação e doutrinação (2).

(1) - BARTHES, R. Mitologias. Rio de Janeiro. Difusão Editorial, 1978.

(2) - LÉVI-STRAUSS, C. Antropologia Estrutural. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975.

Enquanto produto psíquico, o mito resulta de um certo modo de funcionamento do psiquismo em que predomina o processo primário, o princípio do prazer e a ordem do imaginário.

O mito negro configura-se numa das variáveis que produz a singularidade do problema negro. Esta singularidade é tridimensionalmente organizada:

- 1ª) - pelos elementos que entram em jogo na composição desse mito;
- 2ª) - pelo poder que tem esse mito de estruturar um espaço, feito de expectativas e exi-
gências, ocupado e vivido pelo negro em-
quanto objeto da história;
- 3ª) - por um certo desafio colocado a esse con-
tingente específico de sujeitos — os ne-
gros.

Incrustado em nossa formação social, matriz constitutiva do superego de pais e filhos, o mito negro, na plenitude de sua contingência, se impõe como desafio a todo ne-
gro que recusa o destino da submissão. Interpelado num tom e numa linguagem que o dilacera inteiro, o negro se vê diante do desafio múltiplo de conhecê-lo e eliminá-lo. Como Édipo, se encontra frente a frente à Esfinge e seu enigma: é vital apoderar-se do conhecimento, desvendar a resposta e assim des-
truir o inimigo para seguir livre. Obviamente, cabe a negros e não-negros a consecução desse intento, mesmo porque o mi-
to negro é feito de imagens fantasmáticas compartilhadas por a-
bós. Razão maior para que tal empenho seja comum é o nosso
anseio de construir um mundo onde não mais seja preciso divi-
di-lo entre negros e brancos. Entretanto, enquanto objeto
da opressão, cabe ao negro a vanguarda desta luta, assumin

do o lugar de sujeito ativo, lugar de onde se conquista uma real libertação.

O mito negro se constitui rompendo uma das figuras características do mito — a identificação — e impondo a marca do insólito, do diferente (3).

"Minha mãe dizia: 'você é um negro'. Dizia isto me sacudindo... pra mostrar que eu não era da mesma origem dela." (Pedro)

A marca da diferença começava em casa: O garoto, filho de homem negro e mulher branca, vivia cede a experiência que fixava: "o negro é diferente". Diferente, inferior e subalterno ao branco. Porque aqui, a diferença não abriga qualquer vestígio de neutralidade e se define em relação a um outro, o branco, proprietário exclusivo do lugar de referência, a partir do qual o negro será definido e se autodefinirá.

Assim é que para afirmar-se ou para negar-se, o negro toma o branco como marco referencial. A espontaneidade lhe é um direito negado, não lhe cabe simplesmente ser — há que estar alerta. Não tanto para agir, mas sobretudo para evitar situações em que seja obrigado a fazê-lo abertamente.

"Estou cansada de me impor. O negro não pode entrar num restaurante, por exemplo, naturalmente. Tem que entrar se impondo." (Sonia)

Há que estar sempre em guarda. Defendido. "Se impor" é colocar-se de modo a evitar ser atacado, violentado, discriminado. É fazer-se perceber como detentor dos valores

(3) - BARTHES, R. - Idem.

de pessoa, digno de respeito, portanto. Vivendo no mundo dos brancos, nos diz Fanon: "El negro deja de comportarse como indivíduo capaz de acción. La finalidad de su acción, entonces, será Otro (en forma de blanco), porque sólo Otro puede valorizalo" (4).

No negro, a marca da diferença, ferro em brasa que o separa do branco, é vivida não só a nível do seu comportamento externo: ele recruta essa desigualdade, introjetada no seu universo psíquico, quando, ao conviver com outro negro, seu semelhante, reproduz o ritual de separação, numa cisão caricata que leva Franz Fanon a dizer: "El negro tiene dos dimensiones. Una con su congénere, otra con el blanco. Un mismo negro se comporta de modo diferente con un blanco y con otro negro" (5). É também isto o que revela Carmem, ao falar sobre o "primitivismo" do negro:

"Eu generalizo isso pra todos os negros: os que chegaram às classes altas e os que não chegaram. Os que chegaram às classes altas, com os brancos são racionais; com os negros soltam tudo, ficam emocionais. É o primitivismo." (Carmem)

O irracional, o feio, o ruim, o sujo, o sensitivo, o superpotente e o exótico são as principais figuras representativas do mito negro. Cada uma delas se expressa através de falas características, portadoras de uma mensagem ideológica que busca afirmar a linearidade da "natureza negra" enquanto rejeita a contradição, a política e a história em suas múltiplas determinações.

(4) - FANON, F. ! Escucha, blanco ! Barcelona, Nova Terra, 1970, p. 197.

(5) - FANON, F. Idem, p. 41.

A representação do negro como elo entre o macaco e o homem branco é uma das falas míticas mais significativas de uma visão que o reduz e cristaliza à instância biológica. Esta representação exclui a entrada do negro na cadeia dos significantes, único lugar de onde é possível compartilhar do mundo simbólico e passar da biologia à história.

"Eu me assumia como negro: ir aos lugares e saber que eu era diferente dos outros. Eu era negro, mas diferente: sabia segurar num garfo, não era um macaco, sabia tocar piano... Muita coisa tenho assim lado do branco: comer de garfo e faca, ser simpático..." (Pedro)

O nosso interlocutor denuncia ainda a identificação do negro com o despossuído: de valores, de civilidade, de humanidade.

Sua voz faz coro com outra que explicita o paralelismo entre negro e miséria, canto atávico remanescente do período abolicionista, que marca sua presença ainda hoje como estigma em torno do mundo instável da classe média negra.

"Minha avó, ela diz que quer casar de novo: 'Casar com um francês pra clarear a família' Quando a gente (as netas) está namorando, ela pergunta se é preto ou branco. Diz que tem que clarear a família. O clarear não é só a questão da pele, porque o negro é o símbolo de miséria, de fome. De repente, clarear é também a ascensão econômica e social. Se for um cara negro que tenha condição econômica e social boa, tudo bem. Tem um lance de cor, mas no sentido de que cor (preta) lembra miséria." (Carmem)

"Comecei a transar o Movimento Negro, tipo "Black is beautiful", mais pelo lado da beleza, do sexo... aí tinha uns lances de cantar em festival... Eu queria ser uma crioula grande! Meu nome no prédio era Carmen Davis (uma alusão a Angela Davis). Acho que o que me faz sempre fugir do lance negro é o lance da pobreza — pobreza em todos os sentidos: financeira e intelectual. Acho que emocionalmente sou pela burguesia negra... Depois descobri que se

podia ser negro e intelectual, ser negro e não ter que ser pobre. Ser negro sem ter que voltar às origens — viver na favela". (Carmem)

É a autoridade da estética branca quem define o belo e sua contraparte, o feio, nesta nossa sociedade classista, onde os lugares de poder e tomada de decisões são ocupados hegemonicamente por brancos. Ela é quem afirma: "o negro é o outro do belo". É esta mesma autoridade quem conquista, de negros e brancos, o consenso legitimador dos padrões ideológicos que discriminam uns em detrimento de outros.

"Meu pai é um mulato muito bonito: nariz afilado, não tem beico, pode passar por branco. Como é caçoca, não dá muito pra ver o cabelo ruim do crânio". (Luísa)

"O D., eu aceitei o jogo dele de me minimizar. Naquenos dois anos e pouco. Ele não me assumia pra fora mas eu ficava contente porque, no fundo, ele me curti. Eu nunca achei que fosse nada racial. Achava que era porque eu era muito feia. Nunca achei que devia discutir isso. Ele já era uma grande aquisição: era bonito, cobiçado e estava comigo". (Luísa)

"Eu me achava muito feia. Quando eu tinha seis, sete anos eu queria ser freira. Eu pensava assim: gente feia casa com gente feia. Eu sou feia, não quero casar com gente feia. Vou ser freira... Eu era muito invejosa: inveja do físico das pessoas — achava que as pessoas eram muito mais bonitas do que eu". (Luísa)

O sujo está associado ao negro: à cor, ao homem e à mulher negros. A linguagem gestual, oral e escrita institucionaliza o sentido depreciativo do significante negro: o "Aurélio", por exemplo — para citar apenas um dos nossos mais conceituados dicionários — vincula ao verbete NEGRO os atributos sujo, sujeira, entre dez outros de caráter pejorati

vo (5).

O negro acreditou no conto, no mito, e passou a ver-se com os olhos e falar a linguagem do dominador.

"... e existe o racismo do negro contra o negro. Eu fui barrado na parte do Conservatório Nacional de Teatro e depois soube que o porteiro (que era negro) teve vergonha de eu ser negro e fazer sujeira por lá."

Castrado em sua iniciativa, tolhido em sua espontaneidade, o negro passou a reagir, ao invés de agir e até mesmo evitar a ação.

"Eu nunca dormi com uma mulher branca... com a mulher negra posso expor, discutir qualquer problema sem medo, falar, fazer. Com a mulher branca posso fazer qualquer coisa em termos sexuais o que é normal fazer e ser mal interpretado: 'coisa de negro, coisa suja'" (Sales)

Houve quem acreditasse que a sujeira vinha das entranhas, do útero, órgão matriz.

"Minha avó não gostava de negro. Dizia que crioulo, sobretudo o negro, não prestava: 'se você vir confusão, saiba que é o negro que está fazendo; se vir um negro correr, é ladrão. Você tem que casar com um branco pra limpar o útero'". (Luísa)

Alguns estereótipos que constituem a mitologia negra adquirem, a nível do discurso, uma significação aparentemente positiva.

O "privilégio da sensibilidade" que se materializa na musicalidade e ritmicidade do negro, a singular resistência física e extraordinária potência e desempenho sexuais,

(5) - FERREIRA, A.B.H. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.

são atributos que revelam um falso reconhecimento de uma suposta superioridade negra. Todos estes "dons" estão associados à "irracionalidade" e "primitivismo" do negro em oposição à "racionalidade" e "refinamento" do branco. Quando se fala na emocionalidade do negro é quase sempre para lhe contrapor a capacidade de raciocínio do branco.

"O negro tem uma sensibilidade diferente. Uma forma sentimental diferente. Uma entrega maior. Tudo que penetra. Parece que o negro tá menos amortecido pra sensibilidade. Tem mais dificuldade de ser racional, aí se joga pro emocional. Ele tem uma coisa de jogar mais sentimento no que faz. É mais primitivo, mais humano, mais artesanal. Primitivo no sentido primário, primeiro: a emoção é primária à razão. Talvez o discurso racista tenha razão quando diz que o negro é mais emocional". (Carmem)

Resquício do período escravista, em que o negro era a "besta de carga", sua decantada resistência física está associada a um destino mítico que lhe garante a necessária competência para as tarefas árduas.

Florestan Fernandes nos mostra como o folclore brasileiro registra e testemunha, em sua tradição oral, a existência dessa associação: (7)

"O negro é burro de carga
O branco é inteligente
O branco só não trabalha
Porque preto não é gente."

"Quem diz que preto se cansa
Não tem boa opinião
Se trabalha o dia inteiro
De noite inda faz serão."

"Negro é bicho safado
Tem fôlego de sete gatos
Não fica doente nunca
Esse pé de carrapato."

(7) - FERNANDES, F. O Negro no Mundo dos Brancos. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1972, p. 206.

A superpotência sexual é mais um dos estereótipos que atribui ao negro a supremacia do biológico e, como os da resistência física e "sensibilidade privilegiada", reafirma a representação de animalidade no negro, em oposição à sua condição histórica, à sua humanidade.

Assim, "os traços que poderiam caracterizar o negro como superior são aqueles que simbolizam uma verdadeira inferioridade e que definem 'a besta'" (8).

Passaram por nossos olhos, ouvidos e pelo, fragmentos de discursos, colhidos das histórias-de-vida dos nossos entrevistados, onde ouvimos falar o negro enquanto sujeito que introjeta, assimila e reproduz, como sendo seu, o discurso do branco. O discurso e os interesses. Tal façanha — a hegemonia dos interesses dominantes — é viabilizada pela eficácia dos mecanismos ideológicos cuja garantia, a nível psíquico, é assegurada por certas articulações estruturais e transações psicodinâmicas que cumpre elucidar. Assim é que se impõe o exame de dois conceitos fundamentais — Narcisismo e Ideal do Ego — forças estruturantes do psiquismo que desempenham um papel-chave na produção do negro enquanto sujeito — sujeito, identificado e assimilado ao branco.

(8) - FERNANDES, F. Idem.

CAPÍTULO V

Narcisismo e Ideal do Ego

É preciso que haja um modelo a partir do qual o indivíduo possa se constituir — um modelo ideal, perfeito ou quase. Um modelo que recupere o narcisismo original perdido, ainda que seja através de uma mediação: a idealização dos pais, substitutos e ideais coletivos. Esse modelo é o Ideal do Ego (1) (2).

O Ideal do Ego não se confunde com o Ego Ideal.

O Ego Ideal, instância regida pelo signo da onipotência e marcada pelo registro do imaginário, caracteriza-se pela idealização maciça e pelo predomínio das representações fantasmáticas.

O Ideal do Ego é do domínio do simbólico. Simbólico quer dizer articulação e vínculo. Simbólico é o registro ao qual pertencem a Ordem simbólica e a Lei que fundamenta esta ordem. O Ideal do Ego é, portanto, a instância que estrutura o sujeito psíquico, vinculando-o à Lei e à Ordem. É o lugar do discurso. O Ideal do Ego é a estrutura mediante a qual "se produz a conexão da normatividade libidinal com a cultural" (3).

(1) - LAPLANCHE, J., PONTALIS, J.B. Vocabulário da Psicanálise. Lisboa, Moraes, 1970.

(2) - HORSTEIN, B.L. Teoría de las Ideologías y Psicoanálisis. Buenos Aires, Kargieman, 1973.

(3) - HORNSTEIN, B.L. Idem, p. 214.

Realizar o Ideal do Ego é uma exigência — diffi-
cilmente burlável — que o Superego vai impor ao Ego. E a
medida de tranquilidade e harmonia interna do indivíduo é da-
da pelo nível de aproximação entre o Ego atual e o Ideal do E
go. "Há sempre uma sensação de triunfo quando algo no Ego
coincide com o Ideal do Ego. E o sentimento de culpa (bem co-
mo o de inferioridade) também pode ser entendido como uma ten-
são entre o Ego e o Ideal do Ego" (4).

E o negro?

O negro de quem estamos falando é aquele cujo
Ideal de Ego é branco. O negro que ora tematizamos é aquele
que nasce e sobrevive imerso numa ideologia que lhe é imposta
pelo branco como ideal a ser atingido e que endossa a luta pa-
ra realizar este modelo. Como se constrói o Ideal de Ego des-
se negro?

Ouçamos o que ele diz:

"Meus pais, quando casaram, foram viver no interior.
Era a elite da cidade: ele médico, ela professora.
Fui criado nesse contexto. Não havia nenhum empenho
por parte dos meus pais em reconstruir o percurso, as
raízes negras de minha família. Passei minha infân-
cia aí, arrodado daquele zelo que cerca as elites.
Meus pais não me deixaram ir à escola para não me mis-
turar com os meninos, aquela gente pobre. Só fui pa-
ra a escola aos dez anos, quando fui para a capital
fazer o ginásio. Me alfabetizei em casa, com uma tia
que era professora e tinha as tinturas da capital. Lá
fui estudar num colégio de elite... Tinha uma coisa
de nobreza, uma atmosfera de nobreza, ainda que deca-
dente, em torno de minha família..." (Alberto)

(4) - FREUD, S. Psicologia de Grupo e a Análise do Ego (1921)
em Edição Standard. Rio de Janeiro, Imago, 1969, Vo-
lume XVIII, p. 166.

O figurino é branco, em seus diversos matizes. Aqui branco quer dizer aristocrata, elitista, letrado, bem-sucedido. Noutro momento, branco é rico, inteligente, poderoso. Sob quaisquer nuances, em qualquer circunstância, branco é o modelo a ser escolhido. Escolha singular, fixada à revelia de quem apenas deve a tal modelo configurar-se.

Na construção de um Ideal de Ego branco, a primeira regra básica que ao negro se impõe é a negação, o expurgo de qualquer "mancha negra". É a voz de um dos nossos entrevistados que ecoa pungente sob nossos tímpanos:

"... Não havia nenhum empenho por parte de meus pais em reconstruir o percurso, as raízes negras de minha família. Havia um evitar velado, meio inconsciente, da história das raízes negras de minha família". (Alberto)

Às vezes esta rejeição, levada ao nível do desespero, violenta o corpo físico. E então, algo mais para além do corpo biológico — o corpo erógeno, de que nos fala Serge Leclaire (5), é crucialmente lesado:

"Contavam que (quando era pequena) falava muito sozinha, tinha amigos invisíveis, falava muito na frente do espelho: era uma sensação de me sentir, de me reconhecer, de identidade minha. Falava comigo mesma, me achava muito feia, me identificava como uma menina negra, diferente: não tinha nenhuma menina como eu. Todas as meninas tinham o cabelo liso, o nariz fino. Minha mãe mandava eu botar pregador de roupa no nariz pra ficar menos chato. Depois eu fui sentindo que aquele negócio de olhar no espelho era uma coisa ruim. Um dia eu me percebi com medo de mim no espelho! Tive uma crise de pavor. Foi terrível. Fiquei um tempo grande assim: não podia me olhar no espelho com medo de reviver aquela sensação". (Luísa)

(5) - LECLAIRE, S. O Corpo Erógeno. Rio de Janeiro, 1979.

"C. (primeiro homem com quem teve um relacionamento afetivo-sexual) era branco, família branca e morava em Ipanema... Eu tinha vergonha do meu corpo. Eu queria transar no escuro. Ele é que, aos poucos, foi me mostrando que as coisas eram diferentes. Eu me sentia gostada. Ele me ensinava a gostar de meu corpo. Mas eu fui ficando cada vez mais fechada, me sentia ameaçada por todos em relação a C. Tinha medo de tudo. Foi um lance racial: eu estava vivendo um lance de ser mulher negra para o C. mas não estava conseguindo ser mulher negra para mim mesma. Aí ele destransou. Fiquei quase louca..." (Carmem)

Os antepassados ocupam um lugar privilegiado na história do negro, particularmente do negro brasileiro. Substancialmente investidos de energia libidinal, suas palavras têm estatuto de verdade e força de lei e seus projetos não realizados são o destino dos descendentes. Assim, estas figuras ancestrais — mais ou menos remotas — constroem o sistema superego/ideal do ego, viabilizando a interiorização das exigências e ideais a serem cumpridos por filhos, netos, bisnetos, ad infinitum.

"Minha avó, ela diz que quer se casar de novo. 'Casar com um francês pra clarear a família'. Quando a gente (as netas) está namorando, ela pergunta se é preto ou branco. Diz que tem que clarear a família. O clarear não é só a questão da pele, porque o negro é símbolo da miséria, de fome. De repente, clarear é também a ascensão econômica e social. Se for um cara negro que tenha condição econômica e social boa, tudo bem. Tem um lance de cor, mas no sentido de que a cor (preta) lembra miséria. O preto (para ser aceito como possível integrante da família) tem que ter curso superior. Se for um branco, não precisa. Principalmente em relação a nós — filhos do único filho dela que ascendeu — tem muita expectativa. Nós somos os filhos do PROFESSOR..." (Carmem)

"Minha avó era bem negra: nariz grosso, beijos grossos, voz grossa. Não gostava de negro. Ela dizia: 'se você vir confusão, saiba que é o negro que está fazendo; se vir um negro correr, é ladrão. Você tem que casar com um branco pra limpar o útero!'" (Luísa)

O contexto familiar é o lugar primeiro onde a a-

ção constituinte do Ideal do Ego se desenrola. É aí onde se cuida de arar o caminho a ser percorrido, antes mesmo que o negro, ainda não sujeito, a não ser ao desejo do Outro, construa o seu projeto de chegar lá. Depois é a vida de rua, a escola, o trabalho, os espaços do lazer. Muitas vezes, é nesses lugares segundos, pleno de experiências novas, que o Ideal do Ego — cujas vigas mestras já foram erigidas — encontra ocasião de reforçar-se, assim adquirindo significado e eficácia de modelo ideal para o sujeito.

"... quando minha avó morreu, meu pai se amigou com uma mulher e foram morar lá em casa. Aí as coisas mudaram e só agtentei uns três anos. Fugi de casa e fui morar com minha mãe. Minha mãe era empregada doméstica na Gávea. Aí as coisas mudaram: em Cordovil eu era o rei; na Gávea eu era formiga. Em Cordovil eu morava no morro, no alto, via tudo lá de cima. Zona Sul é outro mundo. Eu tinha medo. Quando eu entrava no ônibus, tinha medo de apertar a campainha, comecei a me policiar. Uma chama que já tinha dentro de mim, começou a aumentar muito: vontade de um dia apertar bem a campainha do ônibus, de ter uma posição, entrar dentro do jogo, o jogo da Zona Sul: ou você entra no jogo ou passa a ser mais um... Vivemos no sistema capitalista — o negócio é ter grana... O negro tem que estar na frente e sobretudo atrás das máquinas — dirigindo os botões... Eu nunca estou contente com o que tenho, eu sempre quero alguma coisa a mais. Estou sempre a buscar alguma coisa". (Correia)

Numa sociedade multirracal, racista, de hegemonia branca, o "a posteriori" (6) se produz no momento em que o negro enfrenta peito-a-peito as condições concretas de opressão em que está inerso.

O cotidiano é pródigo em situações em que o negro se vê diante de falsas alternativas, insatisfatórias todas: afirmação/negação, exploração, dominação/submissão.

(6) - LAPIANCHE, J., PONTALIS, J.B. Idem.

O discurso do nosso Correia é radical: na formação do Ideal do Ego não lhe escapa nenhuma das características básicas do modelo racista e capitalista. Seu Ideal do Ego é fundado na dupla opressão de classe e de cor.

Radicalização maior podemos ver em Natanael, que toma como modelo não só o dominador mas o Ideal do Ego do dominador.

"(o passado escravista) não interfere em nada. Para algumas pessoas, sim. Mas para os que não têm essa mentalidade de escravo, que até se acham superiores, isso não interfere em nada." (Natanael)

Neste discurso encontramos, ainda, uma característica da cultura ocidental e branca, onde estamos imersos: o individualismo — a doutrina e apologia da responsabilidade individual.

Continua Natanael:

"A maior parte dos negros não consegue um lugar ao sol por suas próprias incapacidades: preguiça, falta de força de vontade. Apesar dos obstáculos, eu consegui o maior posto dentro do navio, depois do comandante."

Colocando-se como exemplo, Natanael, a um só tempo, reforça a tese de que ao indivíduo cabe o lugar decisivo na História e — "exceção que confirma a regra" — fortalece os estereótipos que depreciam o grupo ao qual nega e recusa sua pertinência. É assim que ele conclui a entrevista:

"... O negócio é ir em frente, esquecer esse negócio de raça e vencer."

O relacionamento entre o Ego e o Ideal do Ego é vivido sob o signo da tensão. E como não sê-lo, se o Supere-

Go bombardeia o Ego com incessantes exigências de atingir um Ideal inalcançável?

O negro, certamente, não é o único a viver esta experiência. É certo que existe sempre, em todo sujeito não-psicótico, uma relação de tensão entre essas instâncias, devido a um quantum de insatisfação resultante do inexorável fracasso em atingir o ideal desejado. O ideal desejado é a identidade com o Ego Ideal, formação intrapsíquica definida como "ideal narcísico de onipotência forjado a partir do modelo do narcisismo infantil" (7). Contudo, há degraus, níveis variáveis de insatisfação. Num registro simbólico, lugar onde opera a conduta neurótica que nos interessa aqui, estes níveis de frustração serão definidos, em última instância, pela relação estabelecida entre o Ego atual e o Ideal do Ego. No negro, do qual falamos, esta relação caracteriza-se por uma acentuada defasagem traduzida por uma dramática insatisfação, a despeito dos êxitos objetivos conquistados pelo sujeito.

"Eu nunca tou contente com o que tenho. Eu sempre quero alguma coisa mais. Estou sempre a buscar alguma coisa." (Corroia)

Esta é a expressão fidedigna daquilo que identificamos como a tentativa de aproximação do Ego em relação ao Ideal do Ego.

Nesta tentativa de realização — tão imperiosa quanto impossível — o Ego lança mão de táticas diversas, cujo denominador comum se faz representar por um redobrar per

(7) - LAPLANCHE, J., PONTALIS, J.B. Idem, p. 190.

manente de esforços por uma potencialização obrigatória de suas capacidades:

"No curso primário eu era a primeira-aluna da sala. Adorava estudar. Minha afirmação sempre foi o estudo. A prova de admissão... foi a primeira vez que senti aquela responsabilidade de ser inteligente e então ter que passar. Eu tinha que ser melhor. Eu me exigia muito — mais até que meus irmãos — mas todos sentimos a pressão de fora..."

"No meu último ano de ginásio, comecei a fazer teatro na Escola... Houve um festival de música e fui a melhor intérprete. No final do ano fui escolhida como a melhor aluna da turma. Foi uma glória! Fiz o discurso do término do curso, passei a bandeira pra outra turma, uma glória!... A coisa da glória nos estudos era um papel que eu já tinha cumprido e que iria me acompanhar pro resto da vida..."

"Resolvi fazer Medicina — não sei direito porque, mas deve ter sido o resultado de toda uma estruturação de minha vida — eu tinha que escolher a carreira mais nobre, o vestibular mais difícil."

"Pra mim, um homem negro tinha que ser especial, ser muito melhor que o branco, se destacar, ser como eu. Teria que ser lindo! Muito bonito, muito inteligente... Nunca apareceu um homem assim..."

"... me apaixonei pelo S. S. era o homem negro, presidente do Diretório, paixão da maioria das mulheres, bonito, inteligente, líder, casado... A mulher dele era branca... Acho que fui a primeira mulher negra por quem ele se interessou. Mas não era só isso. Era também a curtição de eu ser negra. A curtição é a seguinte: é ser o mais em tudo: a mais bonita, a mais inteligente, a mais sensual — a responsabilidade de ter que ser, a exigência de ter que ser. Ser negro é ter que ser o mais." (Luísa)

"... nas minhas fantasias eu tenho muito dinheiro... tenho uma fantasia de ter terras de montão, casa grande, — não para dar lucro, nem para grandes plantações. É para curtir mesmo as coisas da fazenda... Tenho também fantasias de sucesso: descobrir alguma coisa interessante, escrever um livro muito importante. Ganhar o Prêmio Nobel..." (Eunice)

"Eu sempre gosto que as pessoas digam que eu sou inteligente, que, apesar de todos os defeitos, isso é o que recai em mim." (Eunice)

"Eu não aceito ser uma pretinha. Quero ser a crioula maravilhosa. O branco aceita a mistificação do negro: 'sou preta, sim, mas até consigo ser melhor que vocês'." (Carmem)

Ser o melhor! Na realidade, na fantasia, para se afirmar, para minimizar, compensar o "defeito", para ser a ceito. Ser o melhor é a consigna a ser introjetada, assimila da e reproduzida. Ser o melhor, dado unânime em todas as his-tórias-de-vida.

Para o negro, entretanto, ser o melhor, a despeito de tudo, não lhe garante o êxito, a consecução do Ideal. É que o Ideal do Ego do negro, que é em grande parte constituído pelos ideais dominantes, é branco. E ser branco lhe é impossível.

Dilacerante, crua, cruenta descoberta...

Diante da experiência do inverossímil, frente à constatação dramática da impossibilidade de realizar o Ideal, o negro vislumbra duas alternativas genéricas: sucumbir às punições do Superego ou lutar, lutar ainda mais, buscando encontrar novas saídas.

A primeira alternativa genérica — sucumbir às punições do Superego — é representada pela Melancolia, em seus diferentes matizes e gradações. Aqui, o sentimento de perda da auto-estima é o dado constante que nos permite unifi-car numa mesma categoria — Melancolia — as diferentes foições desta condição psicopatológica que denuncia a falência do Ego. "Uma parte da auto-estima é primária — o resíduo do narcisismo infantil; outra parte decorre da onipotência que é

corroborada pela experiência (a realização do Ideal do Ego), enquanto uma terceira parte provém da satisfação da libido objetal" (8).

Sentimentos de culpa e inferioridade, insegurança e angústia atormentam aqueles cujo Ego caiu em desgraça diante do Superego. A distância entre o ideal e o possível cria um fosso vivido com afeto de autodesvalorização, timidez, retraimento e ansiedade fóbica.

"O C. era branco, família branca e morava em Ipanema. Senti aí todos os complexos. Ia na casa dele morrendo de vergonha. Só me relacionava bem com ele na Faculdade... Me sentia refeitada nos lugares, não conseguia dar uma palavra. Eu não conseguia nem transar meu estereótipo, minha imagem de mulher maravilhosa. Não me sentia respeitada pelos amigos dele, me sentia insegura. É como se eu apresentasse uma imagem e não fosse nada daquilo... Eu sentia vergonha de meu corpo. Eu queria transar no escurinho... Eu fui ficando cada vez mais fechada, me sentia ameaçada por todos em relação a C. Tinha medo de tudo." (Carmem)

"Fiquei apaixonada por R., mas ele estava, na época, começando o processo de um novo casamento e sofri muito. Eu fiquei de terceira. Ela era branca, mais madura, uma mulher com filho... Eu a achava mais segura, mais forte do que eu. Fiquei de terceira. Fiquei achando que estava cumprindo o papel da mulher negra; a amante. Os homens ficavam com as mulheres brancas." (Luísa)

Autodesvalorização e conformismo, atitude fóbica, submissa e contemporizadora são experiências vividas por nossos entrevistados, humilhados, intimidados e decepcionados consigo próprios por não responderem às expectativas que se impõem a si mesmos, por não possuírem um Ideal realizável pe-

(8) - FREUD, S. Sobre o Narcisismo: Uma Introdução (1914) em Edição Standard. Rio de Janeiro, Imago, 1969, Volume XIV, p. 118.

lo Ego.

"Eu capitalizava as reações negativas que me levavam à humilhação e recolhimento. Reagia com pânico quando os meninos (colegas brancos) me chamavam "negrinho", "preto fudido". Eu tinha sido programado como sendo um deles. O fato de eu ser discriminado assim, só me surpreendia, me humilhava. Se eu tivesse sido um menino de comunidade negra, eu teria reagido. Teria alguma coisa para afirmar. Mas eu tinha sido programado para ser como um deles. A timidez, fruto de minha criação, fez com que eu tomasse uma atitude de contemporizar, submissa. Eu não tinha orgulho nenhum. Fiquei à mercê daquilo tudo. Tentei minimizar as dores... Me tornei muito retraído do condescendente. Aquela docilidade de escravo! Engolia sapo..." (Alberto)

Um exemplo final de punição superegóica: aqui o modelo branco está encarnado na figura do pai e é cumprido pelos irmãos da nossa entrevistada, Mara, a diferente.

A mãe de Mara é negra, mas, ao contrário desta, "está bem: de cuca, financeiramente, em relação ao marido que escolheu". Mara tem escolhido os parceiros, segundo o modelo Ideal, mas diferentemente da mãe, tem fracassado na escolha. A depressão é o castigo.

Mara é uma moça de vinte e quatro anos, às vésperas de formar-se em Letras. Filha de branco e negra, tem dois irmãos que ela define como sendo "branco e morena-clara". Quanto a si mesma, diz: "Eu sou a mais escura... me considero negra. Tenho mais parentes negros do que brancos. Sou uma mistura."

A entrevista que Mara nos concede é tão fechada quando ela própria. "Não", "não sei", "não me lembro", "não entendo" são expressões que se repetem.

Moça de poucos amigos desde a infância, Mara te

ve dois namorados que terminaram a relação "por pressão da família — preconceito racial."

Namorou durante um ano com o segundo, mas "nunca saímos juntos". Solicitada por nós, Mara tenta encontrar uma explicação. Uma explicação que busca esconder o óbvio: "A comodação a ficar em casa, vendo TV." A inconsistência de tal hipótese explicativa lhe conduz a uma perplexidade que lhe obriga a concluir, pateticamente: "Não entendo..."

Deprimida, Mara pune-se a si mesma, negando-se em sua beleza, inteligência e vivacidade. Diz não namorar ninguém há muito tempo." "... Saio pouco, sou muito fechada. Com minha irmã... me sinto deslocada com os amigos dela... Não tenho assunto... Na Faculdade... cada um tem sua vida..."

Auto-acusando-se, Mara torna seu o discurso ideológico da sociedade, introjetado e assimilado pelo Superego: "O negro é marginal, o negro é tudo de ruim... Ser negro no Brasil é um problema — ele sofre muitas barreiras, mas ele se retrai um pouco em quebrar essas barreiras. Ele é passivo."

Mas existe uma segunda alternativa: lutar, lutar mais por encontrar novos caninhos. Um deles passa pela busca do objeto amoroso. Um objeto que, por suas características, possa ser o substituto do Ideal irrealizável. Um parceiro branco com quem o negro — através da intimidade da relação afetivo-sexual — possa se identificar e realizar o Ideal de Ego inatingível. "Em muitas formas de escolha amorosa, é fato evidente que o objeto serve de sucedâneo para algum inatingido Ideal do Ego de nós mesmos. Nós o amamos por

causa das perfeições que nos esforçamos por conseguir para o nosso próprio ego e que agora gostaríamos de adquirir dessa maneira indireta como meio de satisfazer nosso narcisismo" (9). É assim que se troca a impossibilidade de cumprir o Ideal pela inviabilidade de experimentar o amor autêntico. Ama-se a brancura, como diz Fanon (10). O parceiro branco é transformado em instrumento tático, numa luta cuja estratégia é cumprir os ditames superegóicos, calcados nos valores hegemônicos da ideologia dominante.

Esta é a saída pela porta dos fundos, caminho transversal, via indireta.

"Eu sinto o problema racial como uma ferida. É uma coisa que penso e sinto todo o tempo. É um negócio que não cicatriza nunca." (Sales)

O negro que clege o branco como Ideal do Ego engendra em si mesmo uma ferida narcísica, grave e dilacerante, que, como condição de cura, demanda ao negro a construção de um outro Ideal de Ego. Um novo Ideal de Ego que lhe configure um rosto próprio, que encarne seus valores e interesses, que tenha como referência e perspectiva a História. Um Ideal construído através da militância política, lugar privilegiado de construção transformadora da história.

Independente dos modos de compreender o sentido da prática política, seu exercício é representado para o ne-

(9) - FREUD, S. Psicologia de Grupo e a Análise do Ego (1921) En Edição Standard, Rio de Janeiro, Imago, 1969, Volume XVIII, p. 143.

(10) - FANON, F. ! Escucha, blanco ! Barcelona, Nova Terra, 1970.

gro como o meio de recuperar a auto-estima, de afirmar sua existência, de marcar o seu lugar.

"Substituí bem o C. pela militância política. Ele não quis se engajar e eu usei isto contra ele — quis mostrar que eu era superior a ele. Escolhi a linha política mais avançada. Foi aí que comecei a transar politicamente a questão racial." (Carmen)

"O negro tem que tomar posição (política), A gente tem que buscar nossas soluções. O negro é sempre negro... só tem uma forma de pesar na balança: é mostrar o peso econômico da massa negra organizada. O negro não pode se esconder, ele tem que ir à luta... Não tem que pedir licença, tem que ir à luta... O negro tem que fazer sua história." (Correia)

"... comecei a prestar mais atenção em volta, a estabelecer uma relação mais atenta com a sociedade. Meu trabalho passou a ser mais vestido com as roupas da negritude. A meu modo..." (Alberto)

CAPÍTULO VI
A História de Luísa

Neta de empregadas domésticas e filhas de pais de classe média baixa, Luísa é uma médica recém-formada, nascida no Rio há 23 anos.

"Fui filha única até os quatro anos de idade. Meus pais eram filhos de empregada doméstica. A patroa assumiu meu pai como filho. Minha mãe acha que meu pai teria sido um dos filhos do patrão. Meu pai nega.

"Minha avó fala que o marido dela era muito mau, batia nela. Ela teve muitos filhos, morreram todos, só sobrou meu pai e uma tia. Meu pai foi acolhido e minha tia não. Meu pai sempre teve mais chances. Fez até o 2º grau. É bancário. Hoje é subgerente. Tem 25 anos de banco.

"A imagem física do meu pai: mulato, bonito, careca, 47 anos, gorduchinho. É uma pessoa muito bonita: nariz afilado, não tem beijo, pode passar por branco. Como é careca, não dá muito pra ver o cabelo ruim do crioulo.

"Minha avó: negra muito bonita. A cor negra é roxa, bonita. Nariz fino, olhos puxados. Não se assume negra. Fisicamente, inclusive: estica o cabelo, tem até calvície. Morre de raiva porque eu não estico meu cabelo.

"Minha mãe: filha de empregada. Teve uma vida mais fudida que meu pai. Teve que trabalhar codo. Com 13 anos conheceu meu pai, namorou, noivou durante oito anos e de —

pois casou. Trabalhava num laboratório, parece que embalando remédios, não sei bem, depois fez um concurso pro Estado e foi trabalhar num hospital. Fazia de tudo: servente, atendente de enfermagem... Hoje já conseguiu um trabalho burocrático: funcionária pública, trabalha na Seção de Pessoal. Concluiu o ginásio há pouco tempo.

"Meu pai ficava a jogar bola e via minha mãe passar para ir trabalhar. Ele ficava paquerando minha mãe. Namoraram e quando minha mãe o levou pra minha avó conhecê-lo, minha avó disse que ele tinha que trabalhar se quisesse namorar a filha dela. Foi aí que ele disse que tomou consciência de que não era o filho da dona da casa e, sim, da empregada e tinha que começar a trabalhar. Começou a trabalhar no Banco, onde está até hoje.

Minha mãe é gorda, bem mãe, peitão, daqueles que ela se orgulha de que amamentou muito os filhos. Parece comigo, é mulata, tem o nariz mais grosso, mais amulatado. Não tem bundão de crioula, não. Ela ficou muito feia, barriguda. Barriga de estria de cinco filhos. O cabelo, ela passa henó, enbala, não passa o ferro.

A imagem última que me ficou de minha avó era muito feia. Teve AVC. Era bem negra. Nariz grosso, beiços grossos, voz grossa. Era uma pessoa bem malandra. Andava com veados. Os veados gostavam dela. Ela passava por homem fácil. Era muito vivida, malandra. Teve uma filha — minha mãe — se assumia como mãe solteira. Nunca inventou histórias sobre meu avô, como minha avó paterna. As amigas dela e

com todas mães-solteiras. Depois do nascimento da minha mãe, ela não teve mais outros relacionamentos. Essa é a imagem e a impressão que tenho. Não gostava de negro. Dizia que crioulo, sobretudo o negro, não prestava: "se você vir confusão, saiba que é o negro que está fazendo; se você vir um negro correr, é ladião. Tem que casar com um branco pra limpar o útero." Ela foi minha mãe de criação: é a imagem da proteção. Eu dormia com ela. Eu tinha medo do escuro, ela me cuidava: me levava pra escola, penteava o cabelo, lavava a roupa. A ma landragem dela me marcou muito: eu via pelas fotos dela de Carnaval: era um jeito debochado de ser, parecia que sabia muita coisa do mundo, muito sacadora. Os amigos veados que ela tinha, ela tomava cerveja com eles, fumava cigarros, coisas que não eram bem.

"O sentimento de proteção era misturado com raiva e vergonha. Por ser negra, por não estar com roupas bonitas, por não ser minha mãe mesmo, diferente das outras meninas que iam pra escola com pai e mãe.

"Minha mãe conta que foi me ter numa Casa de Saú de caríssima com medo de que eu morresse como meu irmão que morreu 3 dias depois que nasceu e minha mãe jura que foi barbaragem do médico. Eu sempre fui cuidada, muito cercada com muita atenção porque, além de ser a 1ª filha, 1ª neta, muito esperada, tinha o medo de perder outro filho. Minha mãe diz que tinha muito leite pra me dar.

"Tinha o lance da minha solidão. Contam que eu falava muito sozinha, tinha amigos invisíveis, falava na fren

te do espelho. Era uma sensação de me reconhecer, de identidade minha, de me sentir; falava comigo mesma, me achava feia, me identificava como uma menina negra, diferente. Não tinha nenhuma menina como eu. Todas as meninas tinham o cabelo liso, nariz fino. Minha mãe mandava eu botar pregador de roupa no nariz pra ficar menos chato.

"Depois eu deixei de falar no espelho mas eu me lembro que era uma coisa de eu me sentir. Não consigo explicar isso. Talvez esses fossem momentos onde eu não estava dispersa. Momentos comigo mesma. Eu sempre fui muito dispersa.

"Depois eu fui sentindo que aquilo (olhar no espelho) era uma coisa ruim. Um dia em me percebi com medo de mim no espelho e um dia tive uma crise de pavor e foi terrível. Fiquei um tempo grande assim: não podia me olhar no espelho com medo de reviver aquela sensação.

"Pra mim, minha história mesmo começa quando minha irmã nasceu. Fiquei feliz quando meu pai disse que nasceu minha irmã. Mas aí comecei a ter, inconscientemente, nil reações: sonambulismo, ranger os dentes, sono agitado. De noite, eu ia, dormindo, na gaveta onde estavam as fraldas de minha irmã e jogava tudo no chão. Mas, conscientemente, eu estava feliz.

"Ela era mais branca do que eu. Tinha os cabelos lisos. Os vizinhos diziam que ela parecia com meu pai. Aí, nessa fase, aconteceu uma coisa linda em minha vida: meus pais foram ao pediatra e ele aconselhou que eles me dissessem: "Juísa, eu gosto muito de você". Eu dou nil beijos em meu pai

hoje por causa disso.

"Eu tive mais vantagens que minha irmã. Meu pai gostava mais de mim do que dela. Minha mãe não aparentava preferência. Eu tive, na minha adolescência, a impressão de que eu era o filho homem que ele estava esperando. Eu me lembro da decepção dele quando nasceram as mulheres.

"O lance da religião é que é muito marcado. Eu achava, quando tinha 6, 7 anos, que eu queria ser freira. Eu pensava assim: gente feia casa com gente feia. Eu sou feia, não quero casar com gente feia, vou ser freira. O mistério das freiras me fascinava muito. Eu queria estudar no colégio das freiras, além de ser o colégio das meninas ricas. Eu sonhava muito e morria de medo de diabo, inferno...

"Primeira aluna da classe! Adorava estudar. Gostava da escola. Tinha amigos. Morria de medo de solidão. Não gostava de ir pra casa: minhas irmãs eram sempre muito mais novas do que eu.

"Eu era muito invejosa; inveja do físico das pessoas. Achava que as pessoas eram muito mais bonitas que eu.

"Na minha turma tinha negros. Eram negros rebeldes, geralmente da favela. Eu era negra-branca: eu era como aquelas pessoas mas não queria ser igual a elas de jeito nenhum. Mas também, eu não era como os outros, os brancos: eles eram filhos de professores. Minha mãe não ia na reunião de pais e mestres — estava trabalhando. Minha afirmação sempre foi o estudo.

"Eu desprezava, não transava com os pretos. Os brancos, eu admirava, eram meus amigos. Minhas duas amigas de infância eram judias — brancas mesmo.

"Venderam o prédio que a gente morava, em Ipanema e viemos morar no Jardim Botânico. Baixou o status... Estudar numa escola muito misturada... Tinha muita gente pobre. Eu tinha nove anos, já podia entrar no ginásio e já estava meio claro pra mim que eu não gostava de pobre e de preto. Então, eu me sentia superior a todo mundo: intelectualmente e porque não era tão pobre. Conheci uma menina que era filha de brigadeiro e éramos amigas... Era de meu nível.

"Meu pai dizia que a gente era rico. Minha mãe dizia que a gente era pobre. Eu achava que ser rico era morar naqueles edifícios que tinham brinquedo. Mas também não era pobre, porque ser pobre era morar na favela. Aí, eu não sabia meu lugar, mas sabia que negro eu não era. Negro era sujo, eu era limpa; negro era burro, eu era inteligente; era morar na favela e eu não morava e, sobretudo, negro tinha lábios e nariz grossos e eu não tinha. Eu era mulata, ainda tinha esperança de me salvar. Em termos de classe continuava a dúvida. Em termos de negritude, não.

"Na prova de admissão, foi a primeira vez que senti aquela responsabilidade de ser inteligente e então ter que passar. Eu tinha que ser a melhor, eu me exigia muito. Mais até que meus irmãos, mas todos sentiam a pressão de fora. Passei em terceiro lugar. Minhas amigas não passaram ou então tiraram nota mais baixa. Eu fiquei cheia de glória.

"Meu pai fez um discurso, quando entrei pro gi-

ginsio, dizendo da importância e responsabilidade de entrar no ginsio — "não se misturar com as esquadras."

"Eu lia muito e a maioria dos meus colegas não gostava de ler e eu já me destacava por isso. Eu era boa aluna, extrovertida, mas bem comportada. Com 12, 13 anos fiquei mais bagunceira. Foi muito bom. Antes, eu era muito bem comportada. Passei a ficar mais soltinha mas era uma boa aluna. Achei um modo de controlar os professores: ser bagunceira mas ser boa aluna. Ainda conservava alguma coisa da Luísa bem comportada, por exemplo: pedia desculpas depois da bagunça feita, coisa que ninguém fazia. Assim, eu preservava alguma coisa da Luísa bem comportada.

"Com 14 anos estava acabando o ginsio. Conectei a fazer teatro na Escola. Resolvemos fazer uma peça escrita por nós mesmos, sobre os problemas que nos tocavam, interessavam. Um dos problemas era o racismo. Eu fui escolhida para o papel principal — eu era a única negra. Foi uma coisa legal. Não foi um momento de consciência profunda, não era tanta vergonha, era uma coisa menos ruim. Foi a 1ª vez que discuti a questão do racismo — sem falar de mim, mas falando do assunto. Foi a primeira vez que usei cabelo afro, também era uma coisa legal.

"Teve o Festival de Música — eu fui a melhor intérprete.

"E no final do ano fui escolhida como a melhor aluna da turma, foi uma glória! Fiz o discurso do término do curso, passei a bandeira pra outra turma, uma glória!

"A coisa da glória nos estudos era um papel que eu já tinha cumprido, era uma coisa necessária, que ia me acompanhar pro resto da vida. Agora, tinha o outro mundo da arte, que eu já tava entrando, e tinha me dado legal e era outra coisa. Eu tinha um pouco de medo — não era tão aceito socialmente, mas o sucesso nos estudos me dava força pra saber o que era aquilo. ... era uma coisa que eu não assumia plenamente como o pessoal que fazia teatro assumia: usar roupas diferentes, cabelo diferente, me amedrontava, mas era uma coisa que me puxava e eu via que era possível viver, apesar das exigências das pessoas de que eu era uma pessoa inteligente... O seguro era ser estudiosa, inteligente. Aí eu sabia que a aceitação era certa, essas outras coisas, não. A exigência era principalmente de minha família, mas tinha os outros amigos, colegas que faziam música, teatro — eu sentia que tinha uma barreira a quebrar.

"A Igreja, que era uma Igreja revolucionária e que eu estava muito ligada versus o pessoal de teatro, que já na época usava tóxicos, etc... Pintou uma divisão em mim. Eu gostava das duas coisas: o pessoal da Igreja e o pessoal de teatro, mas a Igreja era uma coisa que me segurava, que eu sabia que não ia desbundar.

"A questão racial pintou aí da seguinte forma: quando aparecia um rapaz negro no grupo existia toda uma pressão, toda uma expectativa das pessoas para eu namorar com ele. E eu não queria. Imagine, eu já dava resposta de que por que eu tinha que namorar com ele? Só porque era negro? E tinha, às vezes, lances agressivos, de as pessoas me acharem ra

cista. Mas tinha também a coisa de eu não querer namorar com eles porque eram negros, mesmo. Pra mim um homem negro tinha que ser especial. Ser muito melhor que o branco, se destacar, ser como eu. Teria que ser lindo! Muito bonito, muito inteligente. Nunca apareceu um homem assim...

"Meu primeiro namorado foi o David. Eu tinha 15 anos. David era branco, filho de tcheco com alemã. Era louro de olhos azuis. Nunca me assumiu como namorada dele. Tudo era maravilhoso quando estávamos sozinhos ou com pessoas íntimas. Não saíamos à rua de mãos dadas, nunca me apresentou à família dele, até a irmã dele, que estudava na mesma escola, ele não aceitava que eu fizesse muito carinho nele (quando a irmã estava por perto). Eu nunca achei que era nada racial. Achava que era porque eu era muito feia. Aceitei o jogo dele me minimizar. Namoramos assim dois anos e pouco. Nunca conversamos sobre a questão racial. Ele tinha muito problema de identificação — "espiga de milho", era o apelido que lhe davam. A maioria dos amigos dele eram negros. Ele me curtia como negra — a coisa da propaganda — a mulata, o escracho, a coisa de ser à vontade. Eu sofria porque ele não me assumia pra fora. Mas ficava contente porque, no fundo, ele me curtia. Nunca achei que devia discutir isso. Ele já era uma grande aquisição minha, porque era bonito, cobigado e estava comigo.

"No 2º ano científico fui, com toda a turma, estudar num colégio liberal. A gente o chamava "Paraíso da Liberdade". Tinha muitos negros aí. Muitos, não, mas assumi-

nidos. Apareciam mais. Principalmente as mulheres. Já faziam alguma coisa sobre a raça, sobre libertação. As meninas negras de minha turma eram três: bem assumidas, bagunceiras, rebeldes. Eu me identificava com elas mas continuava sendo estudiosa, bem comportada, apesar de fazer umas bagunçinhas, mas pedindo desculpas depois.

"Me apaixonei pelo professor de Física. Era um cara mais velho, casado. Resolvi fazer Física. Era uma coisa difícil, mas eu sabia que me daria bem. Ia fazer Física. Ele era bonito, uma porção de meninas se apaixonavam por ele. A forma de sedução minha foi ser boa aluna — uma forma de me negar como mulher — seduzir pela cabeça, o que aliás sempre foi o meu esquema.

"Depois resolvi fazer Medicina — não sei direito porque — mas deve ter sido o resultado de toda uma estruturação de minha vida. Eu tinha que escolher a carreira mais nobre, o vestibular mais difícil, a carreira que eu teria contato com gente, fazer o bem. Pensei em ser Assistente Social — a coisa da religião — mas não era tão nobre como Medicina.

"A minha primeira angústia grandezinha senti no ano do Vestibular. Tinha sono agitado, acordava no meio da noite gritando palavrões, tinha medo de multidão, depois medo de estar sozinha na rua, falta de ar, ansiedade de esperar uma fila, por exemplo. Fui a um médico que fez um EEG, encontrou uma disritmia e serviu de explicação pra tudo. Fiquei muito tranquilizada, porque antes a coisa era incompreensível. Tomei, durante todo o ano, Comital L e Tegretol — e vivia dor-

minho. Assim, não pude estudar direito e perdi o Vestibular — o que foi a primeira grande derrota de minha vida. Se, por um lado, tinha a justificativa: "Ah, coitada, ela saiu de uma crise", por outro, eu sentia que perdi o respaldo. Se eu era inteligente tinha que passar no Vestibular.

"O ano seguinte foi o da descoberta do sexo. Ainda com David. Muito sarro, mas não acontecia nada.

"Conheci o Mário. Ele era homossexual, eu percebi logo, e ele também me disse, mas ele tava a fim de deixar de ser homossexual e me achava bonita, tesuda. Eu também achava ele bonito. Mas foi terrível, porque ficamos namorando dois anos, ele não conseguiu trepar comigo e também não trocava com homem, porque estava comigo. Tinha toda uma situação de que a família dele gostava de mim, me aceitava. Primeira e única família de namorado que me aceitou. Me achavam ótima, não queriam que ele fosse homossexual, então, mesmo sendo negra, me aceitavam. Depois nós vimos que não tinha nada a ver essa coisa de ele não procurar outras pessoas. Aí abrimos a relação. Aí ele passou a transar com outros homens. Aí eu entrei numa competição: eu tirava um sarrinho, fazia jogo de sedução com os homens que ele transava. Era um desafio essa coisa de seduzir um homossexual. Eu nunca senti o Mário me rejeitando como o David. Ele me curtia como mulher, como pessoa. Ele sofria muito por não conseguir trepar comigo. Ele dizia que estava cada vez mais perdendo o tesão. Quanto mais eu conhecia ele, mais ele dizia que se assustava. Eu não pensava na questão racial. Ele curtia. Dizia: "você é negra, você dança bem, você é bonita" — mas de uma forma diferente

do David. A partir do momento em que não havia uma rejeição clara, eu não pensava nisso...

"O Roberto foi a pessoa que durante todo esse tempo me dava toques sobre a questão racial: "por que você usa seu cabelo assim?" (alisado). Ele conversava comigo, me mostrava o outro lado. Ele era branco. Era muito companheiro. Tinha muito carinho por mim. Um dia, estava muito triste, estávamos deitados juntos e trepamos. Foi a pessoa com que trepei pela primeira vez. Depois fiquei apaixonada, mas ele já estava começando o processo de um novo casamento e sofri muito. Eu fiquei de terceira. Ela era branca, mais madura, já era uma mulher com filho, não aprendeu a ser mulher com o Roberto, como eu. Achava ela mais segura, mais forte... Fiquei achando que estava cumprindo o papel da mulher negra -- a amante. Os homens ficavam com as mulheres brancas. Eu me achava mais mulher porque era negra: ser negra tinha pontos contra, mas tinha um veneno, uma coisa que segurava o homem. Eu me achava potencialmente mais mulher que ela. Porque era negra. Era uma coisa fantasiosa, me achava melhor trepando. Eu era negra, era diferente, era alguma coisa melhor. Acho que tinha uma propaganda subliminar. Os homens, o David, o Mário, o Roberto, cada um à sua maneira... eu achava que por trás dos elogios tinha um elogio por eu ser negra.

"Me desencantei com o curso de Medicina. Entrei na Faculdade de Ciências Sociais. Aí me apaixonei pelo Sílvio, o homem negro presidente do Diretório, paixão da maioria das mulheres, bonito, inteligente, líder, casado. Nos aproxiamos timidamente. A mulher dele fazia jogo. Ela era branca

e se sentia ameaçada. Ela podia aceitar que estava perdendo ele, o que era ruim, mas perder para uma mulher negra era insuportável. Sílvia, acho que o processo dele era muito igual ao meu: de não se assumir como negro, de não procurar mulheres negras, de ser rejeitado pelas mulheres brancas — e a Marina foi a primeira mulher branca que gostou e conquistou ele. E eu acho que fui a primeira mulher negra por quem ele conseguiu se interessar. Mas acho que não é só isso. Era também a curtição de eu ser negra. A curtição é como ser o mais tudo: a mais bonita, a mais inteligente, a mais sensual. A responsabilidade, a exigência... Ser negro é ter que ser o mais. Daí eu achar que as pessoas me curtem por ser negra, por ser o mais. Já que as pessoas vão me pedir eu dou logo.

"O Sabino foi o negro comum que sempre me curtiu, estava sempre por perto, gostava de mim. Mas eu só tava querendo saber do Sílvia. Até que um dia, num gesto de caridade (ri), caridade, não, trepei com ele. No outro dia, foi terrível: acordei e foi uma sensação terrível: pavor de ver aquele corpo que era igual ao do meu pai, foi terrível. Saí e não quis saber mais dele. Ele continuou apaixonado, me procurando, mas eu não quis mais nada. Era delicada na rejeição, mas rejeitava. Nunca falamos sobre o que aconteceu. Ele foi a primeira pessoa que cobrou de mim uma participação política, ligada à questão negra.

"Queria ser comunista. Pensava assim: se essas pessoas foram torturadas, presas, exiladas, elas têm que estar com a verdade. Era também o lance de ficar do lado do poder. Não sei porque nem que poder era esse. A minha rela-

ção com a Igreja, o ter sido bandeirante, o fazer Medicina, e ram coisas de fazer bem aos outros. A esquerda era isso também: o bem coletivo. Mas com a Igreja tinha uma coisa de eu ir buscar segurança. Com a esquerda, não. Entrei no Movimento Negro. Foi aí que conheci a Carmem, a primeira mulher negra que me deu uma culpa por eu ser negra e ter o que tinha. E eu pensava que tinha o que tinha porque tinha um marido branco.

"... Na Faculdade de Medicina o racismo era sutil. Mais rigor com o negro, maior exigência. O negro é mais chamado à atenção e chama mais a atenção — temos alguma coisa diferente.

"Tive várias transações, transitórias todas, com caras brancos, todos. Nunca se colocava a questão racial.

"Jorge, meu marido, a família dele não me aceita. Ele assume tudo. Me impõe sem assumir uma briga, uma discussão. Respeita tudo o que faço. O Movimento Negro, por exemplo. Se é para o meu crescimento, então tudo bem. Ele me falou que nunca tinha pensado, nunca passou pela cabeça dele casar, transar uma mulher negra e que ele teve uma certa dificuldade, no começo, de me assumir. A gente quase não discute isso.

"... E o Vítor: o mais bonito da turma, inteligente, difícil para as mulheres, o homem negro que eu queria para viver uma experiência afetivo-sexual. A transa com ele foi frustrante, no geral. Ele não era esse homem que eu esperava. Não era também o potente — fantasia da mulher branca e da mulher negra também, até minha também. Eu esperava um

lance de dominação, mesmo. Esperava até aceitando, mesmo. E não pintou. Ele não conseguiu nem trepar comigo. Também teve uma coisa importante: ele me disse que a maioria das mulheres que ele tinha transado eram negras. Então, pensei, se é assim, aquele veneno que eu acho que tenho... vai ser uma prova, vai ter que surgir uma coisa verdadeira — se eu sou esse veneno que eu queria ser, teria que ser porque eu sou Luísa, independente de ser negra."

"— E a coisa do veneno por ser negra, como é que fica, Luísa?

— Não sei... Talvez o medo de transar com crioulo, seja por medo de ver que essa coisa não existe."

ANÁLISE

A avó materna de Luísa é a figura que ocupa o lugar privilegiado na constituição de sua história. Mulher fálica, é esta avó quem exerce a Função de Pai enquanto representante e guardiã da Lei e na medida em que se faz imagem da proteção. Proteção que não se restringe aos cuidados da maternagem, mas que se exerce, sobretudo, contra o incesto e suas conseqüências (1).

Através da avó, Luísa se depara, face a face, com a interdição: não casar com preto/não casar com o pai. Aqui, a Lei retira sua legitimidade e justificativa dos pressupos —

(1) - LECLAIRE, S. O Corpo Erógeno. Rio de Janeiro, 1979

tos ideológicos aos quais serve: não casar com preto porque "preto não presta, é ladrão, é sujo."

Luísa faz da sua vida o discurso da avó. O interdito se atualiza na escolha do objeto amoroso que se dá de acordo com os cânones da Lei que ameaça com a desgraça da castração (morte) aqueles que ousam transgredi-la. E Luísa cumpre a Lei. Ela não quer perder o falo, atributo conquistado por identificação com a avó. Todos os seus relacionamentos afetivo-sexuais são com homens brancos. Há duas exceções, no entanto. A primeira é Sabino, com o qual vivencia uma experiência inequívoca de incesto e o castigo imediato: "No outro dia foi terrível: acordei e foi uma sensação terrível: pavor de ver aquele corpo que era igual do do meu pai, foi terrível. Saí e não quis saber mais dele." Luísa vive o nojo/luto pelo objeto amado ambivalente que, em não podendo mais ser investido, se deteriora, se perde.

Vitor é o parceiro-cúmplice da segunda transgressão que não se realiza. Aqui, antes que seja castrada, Luísa castra o parceiro. Tomando o papel ativo de castrar, e la exorcisa o perigo de ser castrada. E tudo não passa de um ensaio — "ele era o homem negro que eu queria viver para ex-periência afetivo-sexual" — um jogo, uma peça de teatro in-visível — não para o elenco do Inconsciente mas para os atores que fazem do campo da Consciência seu palco.

Identificada como falo da avó, Luísa segue na sua busca de objeto de amor. E, assim, desafia-se a si mesma na conquista de um parceiro homossexual, passando, inclusive, a

competir com ele na conquista de outros homossexuais: "... - le passou a transar com outros homens. Aí eu entrei numa com petição: eu tirava um sarrinho, fazia jogo de sedução com os homens que ele transava. Era um desafio essa coisa de sedu - zir um homossexual."

A identidade com a avó é a condição de possibi- lidade que estrutura em Luísa uma base de sustentação onde as sentar-se-ão os paradigmas e estereótipos fundamentais da i- deologia hegemônica que estabelece a maneira de sentir, agire o jeito de ver a vida no âmbito das relações interraciais. O "escracho" é o substantivo usado por Luísa para definir-se en quanto mulata e é também a inscrição que identificava aquela mulher "bem malandra, vivida, sacadora", que "andava com vea- dos" e cujas fotos escancaravam seu "jeito debochado" de ser. Mulher que fumava, bebia, se assumia como mãe solteira, que "fazia coisas que não eram bem."

O escracho, o deboche, o estar à vontade são comportamentos que se propagandeiam, exigem e esperam da mu- lher negra. E, enquanto mulher subsumida a estas expectati- vas, Luísa reproduz a imagem que tem da avó ao tempo em que cum pre os ditames sociais que normatizam seu comportamento e cir cunscrevem "seu lugar" — lugar de mulata, de mulher negra. Ser mulata é ser a mulher veneno, a melhor de cama, a mais sen sual. Luísa acredita no que diz este mito e a ele se submete: "... antes que me peçam, dou logo."

Fixada numa imagem que a aliena, Luísa se deba- te num circuito de desvalorização e pseudo-valorização: "... ser negra tinha pontos contra, mas tinha um veneno, uma coisa

que segurava o homem... A curtição (de ser negra) é ser o mais tudo: a mais bonita, a mais inteligente, a mais sensual!"

O primeiro objeto amoroso de Luísa é o signo desta ambigüidade constituída pelo par valor (pseudo-valor) x desvalor. Ambigüidade que é vivida em relação à representação de si e do objeto.

David era o homem com quem vivia "maravilhosamente" na clandestinidade, às escondidas. A sós ou com íntimos, era "curtida" como mulher negra propaganda. Caso Contrário, nenhum gesto deveria denunciar qualquer intimidade. E Luísa fala da vivência emocional desta contradição: "Eu sofria porque ele não me assumia prafora, mas ficava contente porque, no fundo, ele me curtia." Aceitando o jogo de desqualificação, Luísa compartilha da imagem amesquinhada que o parceiro tem de si. Por outro lado, este homem branco, olhos azuis, bonito e cobiçado — a "grande aquisição" — é visto por Luísa como uma pessoa estigmatizada e que se autodesvaloriza: "Ele tinha muito problema de identificação — "espiga de milho" era o apelido que lhe davam. A maioria dos amigos dele eram negros." Aqui, o objeto amoroso é introduzido no mesmo circuito que aprisiona Luísa. Ambos compartilham de uma representação distorcida e minimizada que cada um elabora a respeito do outro.

A representação pseudo-valorizada encontra em Luísa um nível de recusa que se expressa na negação radical de seu estatuto de mulher. Então, se há que seduzir o homem, que isto se faça "pela cabeça": "Me apaixonei pelo professor de Física... A forma de sedução minha foi ser boa aluna — uma

forma de me negar como mulher — seduzir pela cabeça, o que, aliás, sempre foi o meu esquema."

Na identificação com a avó, surge em Luísa um núcleo de desvalorização contundente: acredita que, enquanto mulher negra, lhe cabe o lugar de terceira — o terceiro termo a ser excluído. Considera que, como sua avó, a mulher negra é mulher sem companheiro: "Fiquei achando que estava cumprindo o papel da mulher negra — a amante. Os homens ficavam com as mulheres brancas."

O Ideal de Ego de Luísa caracteriza-se por uma identidade com o difícil, o nobre, o melhor, o branco.

Criança ainda, aprendeu a depreciar, rejeitar e deformar o próprio corpo para configurá-lo à imagem e semelhança do branco. Este, sim, era o belo, invejável, digno de consideração e apreço: "Contam que eu falava muito sozinha, tinha amigos invisíveis, falava na frente do espelho... Era uma sensação de me reconhecer, de identidade minha, de me sentir... me achava muito feia, me identificava como uma menina negra, diferente. Todas as meninas tinham o cabelo liso, nariz fino. Minha mãe mandava eu botar pregador de roupa no nariz pra ficar menos chato... Eu era muito invejosa; inveja do físico das pessoas. Achava que as pessoas eram muito mais bonitas que eu... Eu desprezava, não transava com os pretos. Os brancos, eu admirava, eram meus amigos. Minhas duas amigas de infância eram judias — brancas mesmo."

Luísa busca atingir seu Ideal de Ego. E torna-se aquilo que denomina "negra-branca": uma negra diferente, com valores nitidamente atribuídos ao branco numa intensi

dade maximizada. Ser inteligente, mostrar brilhantismo intelectual, "a coisa da glória nos estudos" é a exigência que Luísa há de cumprir "pro resto da vida", o aval mais seguro para sua inserção no mundo branco. Seu percurso pelo ginásio nos mostra isto de modo exaustivo.

Demarcada pela diferença que a separa dos negros comuns, Luísa acredita que poderia ser aceita por si mesma e pelos outros, poderia "se salvar": "(era) a primeira aluna da classe... Na minha turma tinha negros. Eram negros rebeldes, geralmente da favela. Eu era negra-branca: eu era como aquelas pessoas mas não queria ser igual a elas de jeito nenhum. Mas também eu não era como os outros, os brancos... Minha afirmação sempre foi o estudo... Eu tinha nove anos... e já estava meio claro pra mim que eu não gostava de pobre e de preto. Então, eu me sentia superior a todo mundo: intelectualmente o porque não era tão pobre..."

E o negro com quem poderia vir a dignar-se viver um relacionamento afetivo-sexual teria que ser como ela: "Para mim, um homem negro tinha que ser especial. Ser muito melhor que o branco, se destacar, ser como eu. Teria que ser lindo! Muito bonito, muito inteligente..." Não sendo assim, Luísa lhe concede apenas favores, por piedade, "por caridade": "O Sabino foi o negro comum que sempre me curtiu, estava sempre por perto, gostava de mim... Até que um dia, num gesto de caridade (ri), caridade, não, tropei com ele."

A escolha da profissão é outro lugar que está marcado pelas diretrizes que orientam Luísa na consecução do Ideal do Ego. "... resolvi fazer Medicina... Eu tinha que es

colher a carreira mais nobre, o vestibular mais difícil, a carreira que eu teria contato com gente, fazer o bem. Pensei em ser Assistente Social — a coisa da religião — mas não era nobre como Medicina."

Luísa nos fala de suas paixões. O fascínio amoroso que o Sílvio lhe desperta nos demonstra os valores essenciais que constituem seu Ideal do Ego. Sílvio é o "negro-branco" que ela procura em si e no outro: "... me apaixonei pelo Sílvio, o homem negro Presidente do Diretório, paixão da maioria das mulheres, bonito, inteligente, líder, casado." Este último qualificativo, uma constante das suas paixões, indica a reprodução do triângulo edípico na escolha do objeto amoroso.

Luísa casa-se com Jorge. É branco. Jorge representa a posse do Bem que, na fantasia de Luísa, é absolutizado e mitificado como elemento propiciador de todos os outros bens. "...conheci a Carmem, a primeira mulher negra que me deu uma culpa por eu ser negra e ter o que tinha. E eu pensava que tinha o que tinha porque tinha um marido branco." Sendo branco, Jorge está de acordo com o veredito da avó. E não se discute isto. "Ele me falou que nunca tinha pensado, nunca passou pela cabeça dele transar, casar com uma mulher negra e que ele teve uma certa dificuldade, no começo, de me assumir. A gente quase não discute isso."

Luísa logra conquistar uma identidade de mulher negra. Sua identidade, constituída de mitos e imagens, estrutura-se como sintoma: é um sistema opaco de desconhecimen

to e reconhecimento, marcado por todas as ambigüidades provenientes de sua origem imaginária (2). Identidade feita de contradições, submetida às formações ideológicas dominantes e sobredeterminada pela história individual e pela História da formação social onde a primeira se inscreve. É com esta identidade que Luísa toma consciência de suas contradições e tenta participar da luta política que busca transformar a História e sua história. E começa, iconoclasta, a demolir os mitos. Sua conclusão acerca do relacionamento com Vítor testemunha essa nova consciência: "... A transa com ele... teve uma coisa importante: ele me disse que a maioria das mulheres que ele tinha transado eram negras. Então, pensei, se é assim, aquele veneno que eu acho que tenho... vai ser uma prova, vai ter que surgir uma coisa verdadeira — se eu sou esse veneno que eu queria ser, teria que ser porque eu sou Luísa, independente de ser negra... talvez o medo de transar com crioulo seja por medo de ver que essa coisa não existe."

(2) - HORNSTEIN, B.L. Teoria de las Ideologías y Psicoanálisis. Buenos Aires, Kargieman, 1975.

CAPÍTULO VII

Temas Privilegiados

Ao colher as histórias-de-vida, escutei meus entrevistados falarem de si. Num contato direto, vi e ouvi pos soas entristecerem-se, baixarem e levantarem a voz, calaren-se de repente, afogadas de emoção. Vi sorrisos que, inequivocamente, ocupavam o lugar do choro. Vi raiva, dor, perplexidade e, vez por outra, esperança.

Alguns temas ocuparam um lugar privilegiado no discurso dos entrevistados e na minha escuta. Eles falam da representação que o negro tem de si, das estratégias e do preço da ascensão social.

Este tripé constitui a temática que irá homogeneizar — a despeito da heterogeneidade — as histórias-de-vida dos entrevistados, caracterizando-as como histórias de negros brasileiros em ascensão social.

Aqui, de viva voz, eles se autodefinem, falam de suas fantasias sexuais e do significado da condição de mulato/a, contam o que é preciso fazer para "chegar lá" e para manter as posições conquistadas.

Estes depoimentos que são objeto deste capítulo, sofrem aqui os limites da transmissão escrita, que transforma em letra morta a experiência pessoal, direta, libidinalmente viva.

Ainda assim, é legítimo escutá-los. Que eles

falem então!

1. REPRESENTAÇÃO DE SI

1.1 - Definições

— "Ser negro é ter que ser o mais!" (Luísa)

— "O negro é sempre negro. Ele terá sempre o processo de discriminação." (Correia)

— "... Ele é mais primitivo, talvez. Primitivo no sentido de primário, primeiro: a emoção é primária à razão. Talvez o discurso racista tenha razão quando diz que o negro é mais emocional..." (Carmem)

— "Uma amiga minha, judia, me dizia que nós tínhamos os mesmos problemas (o do preconceito e discriminação). Eu dizia que era muito diferente: o judeu, só se sabe se ele mostrar a Estrela de Davi. E o negro, não. Está na cara!" (Eunice)

— "Minha avó... dizia que crioulo, sobretudo o negro, não prestava. 'Se você vir confusão, saiba que é o negro que está fazendo; se vir um negro correr, é ladrão. Tom que casar com um branco pra limpar o útero!'" (Luísa)

— "A cor mais visada como suspeito é a cor negra. Há uma tese na Polícia de que a maioria dos negros são assaltantes. Meus colegas, na maior parte das vezes, só identificavam negro." (Natanael)

— "Entrei na Faculdade de Comunicação cheia de expectativas de transar a vida cultural, agitar a Faculdade.

Agitei, logo de saída, uma peça de teatro com debates. Entrei em contato com muita gente, trabalhei pra caralho. Depois eu soube que o pessoal achava que eu era Polícia." (Carmem)

— "... o negro é o símbolo de miséria, de fome... a cor (preta) lembra miséria... Acho que o que me faz sempre fugir do lance negro é o lance da pobreza: pobreza em todos os sentidos — financeira e intelectual" (Carmem).

— "Ser negro é ter que mostrar algo — é ter una série de espaços vedados e mostrar que pode atingir um nível mais alto, uma cultura diferente." (Sales)

— "Eu fui barrado na porta do Conservatório Nacional de Teatro e depois soube que o porteiro (que era negro) teve vergonha de eu ser negro e fazer sujeira por lá." (Correia)

— "Na Bahia, fiz uma peça onde eu tinha uma fala assim: 'Eu sou o Presidente do Sindicato...' A reação do público foi me chamar macaco, veado, jogar casca de laranja... O negro não tem direito ao Poder, nem mesmo num palco, representando um papel..." (Correia)

1.2 - Fantasias e Estereótipos Sexuais

— "... eu tinha uma coisa (fantasia) de que todo negro queria me comer. Todo negro ia se aproximar de min e ia ficar chato... o que é que as pessoas iam pensar... Quando eu via um negro, eu queria afasta-lo de minha frente — é claro, iria me perturbar..." (Carmem)

— "... ser negra tinha um veneno, uma coisa que

segurava o homem... Eu me achava potencialmente mais mulher que ela porque era negra. Era uma coisa fantasiosa — me achava melhor trepando. Eu era negra, era diferente, era alguma coisa melhor..." (Luísa)

— "O homem negro é mais potente. As mulheres brancas acham isso — acho que elas têm razão." (Natanael)

— "Meu pai era muito namorador — isso é coisa de crioulo... Eu poderia me prostituir como homem. Seria fácil viver na Zona Sul como objeto sexual das mulheres brancas." (Correia)

— "Nunca dormi com uma mulher branca. Nunca tentei e até recusei porque uma mulher branca queria dormir comigo e eu não quis. Tem aí o estereótipo de que o negro é mais macho, é o melhor. Eu não tenho nada disso." (Sales)

— "... ele (um parceiro negro) não era isso homem que eu esperava. Não era também o potente — fantasiada mulher branca e da mulher negra também..." (Luísa)

— "Por muito tempo eu fiz o gênero 'crioulagostosa'. Transava o lance folclórico do negro como o exótico." (Carmem)

1.3 - Representação do Corpo

— "... Eu tinha vergonha do meu corpo. Eu queria transar no escuro... Eu não gostava do meu corpo, dentro de uma coisa de ser negra. Corpo de negra, corpo de mulher tipo operário. Isso sempre me grilou pra burro..." (Carmem)

— "... fiquei insegura quanto à minha aparênccia física. Acho que as pessoas não vão gostar de minha aparênccia. Sou grande, mais gorda que as pessoas de minha idade. É também o lance da cor." (Eunice)

— "Apesar de toda minha consciência racial, não consigo ter tesão por crioulo. Tem que ser muito especial. Não transo com qualquer um. Transei com dois negros africanos. Senti dificuldade de transar o corpo — com a luz apagada foi menos ruim... M. foi o único negro que me falou o que realmente ele sentia — e que era o mesmo que eu sentia. Ele me diz que uma mulher negra de mini-saia, uma perna, uma buceta preta não dava tesão nenhum..." (Carmem)

— "... eu me achava muito feia, me identificava como uma menina negra, diferente... Todas as meninas tinham o cabelo liso, nariz fino. Minha mãe mandava eu botar pregador de roupa no nariz pra ficar menos chato... Eu era muito invejosa do físico das pessoas — achava que as pessoas eram muito mais bonitas do que eu." (Luísa)

1.4 - O mulato: ser e não ser negro

— "No prédio, o cara que eu paquerava tinha o apelido de "carvãozinho". Era bem moreno, mas não era negro. Era lindo, cabelos compridos, feições finas... Devia ter aí um lance de identificação: ele era negro mas não era negro..." (Carmem)

— "Não tomo a negritude como uma causa, como uma bandeira política, mesmo porque não sou negro de todo: sou

mulato, nato, no sentido lato, democrático, sou brasileiro."
(Alberto)

— "Meu pai dizia que a gente era rico. Minha mãe dizia que a gente era pobre. Eu achava que ser rico era morar naqueles edifícios que tinham brinquedos. Mas, também, não era pobre, porque pobre era morar na favela. Aí eu não sabia meu lugar mas sabia que negro eu não era. Negro era sujo, eu era limpa; negro era burro, eu era inteligente; era morar na favela e eu não morava e, sobretudo, negro tinha lábios grossos e eu não tinha. Eu era mulata, ainda tinha esperança de me salvar..." (Luísa)

— "Uma forma de fugir dessa coisa de não achar o peru do homem negro bonito — e não é só o peru: é a bunda, é o corpo todo — e sentir tesão por mulato... Isto é uma forma de escamotear o problema. Mas tem o outro lado: é uma forma de eu me sentir negra, mas não tanto... não é tão identificado... O mulato, optei por ele como uma saída. Tem dois tipos: o que quer ser branco e o que quer assumir a condição de ser negro, mas negro diferente — aí se encaixa bem com a gente que somos negros diferentes." (Carmem).

2. DAS ESTRATÉGIAS DE ASCENSÃO

2.1 - Ser o melhor

— "... fomos morar em Copacabana, num edifício onde éramos os únicos negros. Tudo de ruim caía em cima de nós. Minha mãe ficava revoltada quando vinha uma queixa — a gente tinha que ser perfeito. A gente dizia: ah! mãe, todo

mundo faz... Ela, então dizia: 'mas vocês são pretos...' Em Cascadura era uma vida mais solta, de rua, de moleque. Na Zona Sul, os limites: como se comportar, como deixar de se comportar. Ter que se comportar melhor que os outros..." (Carmem)

— "... consegui entrar no Conservatório Nacional de Teatro. No primeiro dia de aula, cochichos e piadinhas contra os negros. Tomei a decisão de ser o melhor. E fui o melhor. Tive convites para lugares de ainda mais destaque e prestígio que o Conservatório..." (Correia)

— "Eu tinha que ser a melhor, eu me exigia muito... Sempre fui a primeira aluna, no primário e no ginásio. (Na quarta série ginásial) teve o Festival de música e fui a melhor intérprete. E no final do ano fui escolhida como a melhor aluna da turma. Depois resolvi fazer Medicina... Eu tinha que escolher a carreira mais nobre, o vestibular mais difícil..." (Luísa)

— "Meu pai achava que a gente tinha que ser as melhores porque éramos pretas. Uma coisa que sempre me chateou foi que meu pai sempre trazia presentes educativos. Todo mundo lá em casa tinha que ser o melhor aluno." (Eunice)

2.2 - Aceitar a mistificação

2.2.1 - Perder a cor

— "Eu estava crescendo como artista e então ia sendo accito. Aí eu já não era negro. Perdi a cor. Todo os

se jogo era vivido por mim de modo contemporizador. Eu não tinha como me confrontar. Não discutia muito a questão. Ia vivendo. O racismo continuava. Eu era aceito sem cormas eu ia vivendo. Esse jogo era o meu jogo também." (Alberto)

2.2.2 - Negar as tradições negras

— "Meu pai foi o único dos filhos que ascendeu... Fez Licenciatur em Ciências e dava aula de Biologia no Santo Inácio. Ele sempre transou a religião negra — é babalorixá de candomblé, com todo intelectualismo dele. Ele me diz: 'vocô, crioula, fazendo Psicanálise! Psicanalista de crioulo é pai-de-santo'. É o único da família a assumir esse lance. Não é uma questão folclórica. Ele acredita mesmo. E esse é o grande câncer de minha avó: o filho dela, professor, é o macumbeiro. Ela faz de conta que não existe a situação." (Carmem)

2.2.3 - Não falar no assunto

— "O David era louro de olhos azuis. Nunca me assumiu como namorada dele. Tudo era maravilhoso quando estávamos sozinhos ou com pessoas muito íntimas... E eu nunca achei que fosse nada racial... Nunca achei que devia discutir isso. Ele já era uma grande aquisição minha porque era bonito, cobiçado e estava comigo!" (Luísa)

— "Jorge, meu marido... a família dele não me aceita... Ele assume tudo. Me impõe. A gente quase não discute isso." (Luísa)

— "... é uma dificuldade discutir, nesse meio,

(pequena burguesia branca, intelectual) a questão racial. Há o pacto de que 'quase somos iguais' e assim é inoportuno, inadequado, perigoso, discutir a questão. E há dois tipos de res-
posta desse meio à questão racial: uma paternalista-mistifi-
cadora: 'ah, vamos discutir, sim. Meu bisavô era negro, eu a
tô me sinto negro...' e outra de negação: 'Não. Não vamos dis
cutir isto.'" (Carmem)

3. DO PREÇO DA ASCENSÃO: A CONTÍNUA PROVA

— "O sentimento de rejeição existe. A nível da existência, no dia-a-dia. Depois que eu adquiri consciência, eu tentei me impor — pelo lado intelectual, que é um modo de competição. A gente tem duas opções pra não se sentir tão isolada: a gente se integra à comunidade negra — e eu já estou fora dela há muito tempo — ou se integra ao meio de dominância branca que não satisfaz. É um lugar onde tudo é uma prova, onde estão sempre te testando. Justamente por ser negro tem sempre a idéia de um merecimento por você estar ali. A gente sempre tem que ter uma justificativa pra dar, por estar nesse meio. E tem o teste pra ver se a gente continua merecendo. A exigência de ser o melhor é pra todo mundo, pra toda a sociedade, mas os negros são aqueles que têm que assimilar isto melhor." (Carmem)

CAPÍTULO VIII

Conclusão

O negro brasileiro que ascende socialmente não nega uma presumível identidade negra. Enquanto negro, ele não possui uma identidade positiva, a qual possa afirmar ou negar. É que, no Brasil, nascer com a pele preta e/ou outros caracteres do tipo negróide e compartilhar de uma mesma história de desenraizamento, escravidão e discriminação racial, não organiza, por si só, uma identidade negra.

Ser negro é, além disto, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração.

Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro.

Tornar-se negro, portanto, ou consumir-se em esforços por cumprir o veredito impossível — desejo do Outro — de vir a ser branco, são as alternativas genéricas que se colocam ao negro brasileiro que responde positivamente ao apelo da ascensão social.

A possibilidade de construir uma identidade negra — tarefa eminentemente política — exige como condição imprescindível a contestação do modelo advindo das figuras pri-

meiras — pais ou substitutos — que lhe ensinam a ser uma caricatura do branco. Rompendo com este modelo, o negro organiza as condições de possibilidade que lhe permitirão ter um rosto próprio.

A outra possibilidade alternativa, possibilidade impossível, em última instância, frágil utopia que reduz o negro a modelar-se segundo o figurino do branco, é aquela que, ao lhe acenar com um ideal inalcançável, engendra no negro uma ferida narcísica por não cumprir este ideal.

Esta ferida narcísica e os modos de lidar com ela constituem a psicopatologia do negro brasileiro em ascensão social e tem como dado nuclear uma relação de tensão contínua entre Superego, Ego atual e Ideal do Ego. A nível clínico, esta relação de tensão toma o feitiço de sentimento de culpa, inferioridade, defesa fóbica e depressão, afetos e atitudes que definem a identidade do negro brasileiro em ascensão social como uma estrutura de desconhecimento/reconhecimento.

Esta identidade, que em tudo contraria os interesses históricos e psicológicos do negro, tem sido uma tradição na história do negro brasileiro em ascensão social. Entretanto, a construção de uma nova identidade é uma possibilidade que nos aponta esta dissertação, gerada a partir da voz de negros que, mais ou menos contraditória ou fragilmente, batem-se por construir uma identidade que lhe dê feições próprias, fundada, portanto, em seus interesses, transformadora da História — individual e coletiva, social e psicológica.

BIBLIOGRAFIA

- ALTHUSSER, L. Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado. Lisboa, Editorial Presença.
- BAREMBLITT, G.F. Comunicação Pessoal, 12 de maio de 1970.
- BARTHES, R. Mitologias. Rio de Janeiro, Difusão Editorial, 1978.
- BASTIDE, R. & FERNANDES, F. Branços e Negros em São Paulo. São Paulo, Nacional, 1959.
- CARDOSO, F.H. Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- FANON, F. ! Escucha, blanco ! Barcelona, Nova Terra, 1970.
- FERNANDES, F. A Integração do Negro na Sociedade de Classes. São Paulo, Ática, 1978.
- _____ O Negro no Mundo dos Brancos. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1972.
- FERREIRA, A.B.H. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.
- FOUCAULT, M. Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão. Petrópolis, Vozes, 1977.
- FREUD, S. Notas Psicanalíticas sobre um Relato Autobiográfico de um caso de Paranoia (Dementia Paranoides) (1911). In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1969, Volume XII.
- _____ Psicologia de Grupo e a Análise do Ego (s921). In: Edição Standard. Rio de Janeiro, Imago, 1969, Volume XVIII.

- FREUD, S. Sobre o Narcisismo: Uma Introdução (1914). In: Edição Standard. Rio de Janeiro, Imago, 1969, Volume XIV.
- GOOD, W.J. & HATT, P.K. Métodos em Pesquisa Social. São Paulo, Nacional, 1979.
- HORNSTEIN, B.L. Teoria de las Ideologias y Psicoanálisis. Buenos Aires, Kargieman, 1973.
- HASENBALG, C.A. Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil. Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- IANNI, O. Escravidão e Racismo. São Paulo, Hucitec, 1978.
- ——— Raças e Classes Sociais no Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972.
- LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.B. Vocabulário da Psicanálise. Lisboa, Moares, 1970.
- LÉVI-STRAUSS, C. Antropologia Estrutural. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975.
- LECLAIRE, S. O Corpo Erógeno. Rio de Janeiro, 1979.
- RIBEIRO, D. Sobre o óbvio. In: Encontros com a Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978, nº 1.